

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

MARINÊS DE SOUZA MENDES

A vida musical de Luís Cláudio Stelzer

São Paulo

2022

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

A vida musical de Luís Cláudio Stelzer

Marinês de Souza Mendes

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito final para obtenção do título de
Especialista em Gestão de Projetos Culturais.

Orientadora:
Prof. Ms. Cláudia Vendramini Reis.

São Paulo
2022

AGRADECIMENTOS

Ao Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação e seu coordenador, também meu professor nas disciplinas de Teorias da Cultura e Metodologia da Pesquisa em bens simbólicos, Dennis de Oliveira, que muito contribuiu na definição deste trabalho. Às professoras e aos professores das demais disciplinas, à Máira Carvalho de Moraes, ao João Roquer e ao Luís Matos, doces, competentes, sérios, pesquisadores, amigos. A todas e todos colegas, como eu cresci com tanta gente. Como ainda preciso crescer, mas contem comigo sempre.

À tão generosa, paciente e a um só tempo aguda orientadora, professora Cláudia Vendramini Reis, por me apresentar à Metodologia da História Oral, por suas orientações, indicações de leitura, correções, incentivo, avisos e “reavisos”, conhecimento e presença ativa no meu mutirão de reflexões. Meu reconhecimento, meu respeito.

Ao meu amigo Luís Cláudio Stelzer que aceitou esse empreendimento de ir “contando as histórias e os casos antigos, as músicas novas, sem moda, sem tempo nenhum¹”, as histórias de sua vida, da profissão que abraçou e de seu entendimento da história e da música escrita para violão e à Cibele de Sousa Meira, sua esposa, tão concretamente parceira da Orquestra. Às e aos componentes da Orquestra Violão Mais, quanta beleza há em vocês para ser contada e tocada!

Ao meu amigo Paulo De Tarso Salles, que me apontou o caminho para a experiência musical na Orquestra. Ao ator Edson Kameda, ao Orlando Fraga e ao Fábio Bartoloni, pelas informações verbais e documentação. À violonista Alice Artzt, pela gentileza da correspondência por e-mail. Ao grupo de violonistas do Laboratório de Performance Violonística da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, pelo interesse em ouvir a história de Luís Stelzer. Ao Daniel Freitas, Jefferson Mota, Mário da Silva, Paulo Renato Lourenço, Zé Renato Gimenes, pela solicitude em ajudar a contar uma história que, de certa forma, também lhes pertence.

À minha família que, desde o tempo do ferro de carvão², me deu o substrato da música. Às minhas irmãs, irmão, seus respectivos pares e filhos, com todo o meu amor; à Suely Amaral, ao Pedro Gabriel Amaral Costa, Valéria Mello, Leda Maria Mello Botton, Ana Beatriz Mello Botton, Admilson Luís Botton, Zetildes Lima, Hilda Gil que me acompanham

¹ Verso de "Revendo amigos", de Joyce Moreno. Cf. cd Revendo Amigos.

² ...Mesmo agachada na tina e soprando no ferro de carvão... Cf. Coisa da Antiga, de Nei Lopes e Wilson Moreira (1936 - 2018).

de muito, muito perto e há bastante tempo neste mutirão de reflexões que é o mundo e, em especial, durante esta pesquisa. Ao Marcelo Vitale e à Thaís Avellar, pelos diálogos ligeiros e ao mesmo tempo fortalecedores a respeito do curso sempre que nos encontrávamos e nos encontramos entre uma atividade e outra. À Inês e Lia Monguilhott, pelos conselhos de ouro que me deram e também pelas considerações feitas ao projeto de pesquisa.

À Leticia Canônico, pela transcrição minuciosa das entrevistas. Ao Paulo César Ribeiro Filho, pelas versões para o inglês e espanhol do resumo. À Paola Simoni Zappa Lopes, pela revisão do texto final. À professora Maria Victória Benevides, por sua atenção por e-mail. À equipe de atendimento e referência da Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes da USP, pela orientação quanto a algumas citações e referências imprevistas. Aos colegas da Biblioteca Florestan Fernandes com quem trabalhei por 10 anos guardando alguns dos livros que compuseram a bibliografia deste trabalho. Ao Bruno Galindo Teixeira, da Biblioteca da Universidade São Judas, por sua presteza na informação.

À Rejane Vecchia, diretora do CELP, onde trabalho, pela compreensão apaziguadora nesse momento final de entrega do trabalho. À Ana Lúcia Viveiros Santana e Anderson de Santana, à Mariê Márcia Pedroso e ao José Clóvis de Medeiros Lima, por tanta amizade e estímulo constantes. À Lourdes Santos, Geni Ferreira Lima, Lucas Martins de Castro Neto, pela extrema gentileza, alegria e amizade com que prepararam uma sala no Departamento de Filosofia para minha apresentação. A todas e a todos que puderam dedicar tempo para assistir a inesquecível (para mim) arguição no dia 26 de maio ou me enviar mensagens de incentivo. Intermináveis os agradecimentos. Não cabem nesta página. Entretanto habitam na minha memória e no meu coração.

*"Violão brejeiro corre assim
Viva o brasileiro até o fim
Veja as mãos, ouça o fraseado
Parece que é só
Bolado e treinado, ensaiado, e não é"
(in: Yamandu, Gilberto Gil)*

*"de que modo o mundo vivido e a forma artística passam de um para a outra?"
(Ajzenberg, 1997, p. 54)*

*"E hoje o que é que eu sou?
Quem sabe de mim é meu violão"
(in: Já fui uma brasa, Adoniran Barbosa/Marcos Cesar)*

A VIDA MUSICAL DE LUÍS CLÁUDIO STELZER³

Marinês de Souza Mendes⁴

Resumo: Investiga-se neste artigo a atividade do regente Luís Cláudio Stelzer à frente da Orquestra Violão Mais, formada por violonistas amadores de diferentes realidades sociais e vivências. Apresenta-se os testemunhos de Stelzer para reconstruir sua história musical, associados às referências teóricas sobre a história do violão, no contexto brasileiro. Compõe esta reconstrução uma amostra de documentos de arquivos pessoais analisados que auxiliam identificar os desafios musicais, humanos, econômicos, materiais e tecnológicos que o regente vem enfrentando há mais de 30 anos, para manter a orquestra operante.

Palavras-chave: História Oral. História da Música. Orquestra de Violões. Regente.

Abstract: Abstract: This article investigates the activity of the conductor Luís Cláudio Stelzer at the head of the Violão Mais Orchestra, formed by amateur guitarists from different social realities and experiences. Stelzer's testimonies are presented to reconstruct his musical history, associated with theoretical references on the history of the guitar, in the Brazilian context. This reconstruction comprises a sample of analyzed documents from personal archives that help to identify the musical, human, economic, material, and technological challenges that the conductor has been facing for over 30 years to keep the orchestra operating.

Key words: Oral History. Music history. Guitar Orchestra. Conductor.

Resumen: Este artículo investiga la actividad del director Luís Cláudio Stelzer al frente de la Orquesta Violão Mais, formada por guitarristas aficionados de diferentes realidades sociales y experiencias. Se presentan testimonios de Stelzer para reconstruir su historia musical, asociados a referentes teóricos sobre la historia de la guitarra, en el contexto brasileño. Esta reconstrucción comprende una muestra de documentos analizados de archivos personales que ayudan a identificar los desafíos musicales, humanos, económicos, materiales y tecnológicos que el director viene enfrentando desde hace más de 30 años para mantener la orquesta en funcionamiento.

Palabras clave: Historia Oral. Historia de la música. Orquesta de guitarras. Director.

³ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito final para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais.

⁴ Pós-graduanda em Gestão de Projetos Culturais e Eventos. Celacc, ECA-USP.

INTRODUÇÃO

Investigamos a atividade de Luís Cláudio Stelzer, mais conhecido por Luís Stelzer (LS), à frente da Orquestra Violão Mais, por meio da metodologia da história oral, reconstruindo sua história musical, a partir de seus testemunhos. Foram realizadas quatro entrevistas com o artista, no período entre 14 de setembro a 13 de outubro de 2020. Nesta reconstrução apresenta-se referências teóricas sobre a história do violão no contexto brasileiro, bem como uma amostra de documentos do arquivo pessoal que auxiliam na reconstrução da vida e das elaborações de Stelzer e a identificar os desafios concretos que o regente vem enfrentando há mais de 30 anos, para manter a orquestra atuante na cidade de São Paulo.

É consenso entre a pesquisadora Marcia Taborda e o pesquisador Giacomo Bartoloni⁵ que o violão está presente em muitos lares e faz parte da memória musical no Brasil. Nota-se uma maior divulgação de pesquisas sobre o instrumento nos campos da performance, da musicologia e da musicologia histórica, da recuperação de acervos violonísticos, da recuperação e revisão de partituras e transcrições, da composição de peças escritas e/ou tocadas por mulheres violonistas, da pedagogia para o instrumento e da luteria. A difusão de pesquisas e estudos por meio das redes sociais (*sites*, Facebook, *streamings*) e aplicativos tem sido valiosa e vem atraindo públicos - músicos, pesquisadores, estudantes e leigos - que, de outra maneira, teriam menos possibilidade de acessar o repositório criado em torno da música escrita para violão.

Momento favorável para ouvir as histórias contadas por músicos violonistas atuantes "no chão da fábrica", isto é, ouvi-los contar⁶ sobre porque elegeram o violão como sua ferramenta profissional e sobre experiências que nem sempre vêm a lume, entretanto têm relevância para a comunidade musical e além dela, como por exemplo este relato:

LS: [...] aí teve um seminário de violão do Sesc em 1997 (fig. 1) e eu fui assistir, esse seminário foi fantástico, eu vi coisas incríveis. Eu vi uma coisa que, se aconteceu outra vez fora do Sesc, foi raríssima, eu vi Baden Powell e Egberto Gismonti⁷ tocando juntos, então isso não tem registro em lugar nenhum [...] E lá foi Egberto. Egberto tem dessas mesmo. Aí lá foi ele, daqui uns cinco minutos mais ou

⁵ Por não ter feito uma leitura atenta a tempo, as teses de Carlos Fernando Elías Llanos e Flávia Rejane Prando, ambas defendidas na ECA/USP em 2018 e 2022 respectivamente, não compõem a bibliografia utilizada. Citamos aqui como indicações de leitura.

⁶ Referência ao título do livro Ouvir Contar, de Verena Alberti, 2004.

⁷ Cf. Baden Powell (1937–2000) e Egberto Gismonti (1947) na programação.

menos ele volta: - olha, gente, eu conversei com o Baden, a gente vai dar uma ensaiadinha lá e eu vou encurtar a minha palestra, que é uma palestra de duas horas, vou encurtar para uma hora, vocês me desculpem, a gente vai ensaiar uns quinze minutos e vai vir aqui tocar o resultado desses quinze minutos para vocês e vai ser a minha primeira parte da minha palestra vai ser esse encontro meu com o Baden, que a gente nunca tocou junto. Vocês deixam a gente tocar junto? (informação pessoal)

O uso da metodologia da história oral para registrar a vida e a produção de Stelzer e da Orquestra Violão Mais poderá contribuir com pesquisas futuras de recuperação do trabalho da Orquestra e das elaborações de seu regente, quicá de seus integrantes, à luz da relação dinâmica entre história e memória. Nossa preocupação foi garantir o máximo de veracidade e de objetividade aos depoimentos orais produzidos, buscando formular um roteiro de entrevistas consistente aliado ao trabalho com outras fontes, de forma a reunir elementos para realizar a contraprova e minimizar eventuais distorções advindas de uma construção do passado pautada nas emoções e nas vivências e na subjetividade de nosso entrevistado (FERREIRA, 1994, p. 8 –11).

Assim, a opção pela realização de entrevistas semi-estruturadas contrapostas à pesquisa em arquivos pessoais nos pareceu pertinente como proposta de sistematização, pois parte substancial da história da Orquestra reside na memória de seu idealizador que, ao ser entrevistado, nos forneceu dados para reconstruir esta história. "Mas em que medida, a experiência individual pode ser representativa? Até que ponto uma história de vida fornece informações sobre a história da sociedade?"(Ibid.). Consideramos os testemunhos de Stelzer relevantes para iluminar o entendimento de como os processos vividos por um sujeito, isto é, sua "vivência concreta, histórica e viva" (ALBERTI, 2004, p. 18). Ao narrar uma experiência singular, o sujeito convida o entrevistador a tornar o passado presente através da história oral, que convida o interlocutor a reviver o que só foi vivido pelo sujeito (Ibid.).

LS: Você se lembra disso? Você é um pouquinho mais nova que eu, mas acho que dá pra lembrar" [...] Vamos colocar as coisas bem claras, o projeto social que começou a funcionar foi depois de 2003, certo? Pode fazer as contas... [...] Vamos, o que eu te falei da Olga você pirou [...] Temos que trocar porque você ouviu falar de uma e não ouviu falar de outra, eu ouvi falar de uma e não ouvi falar de outra... temos que trocar, fazer circular essas informações, é nosso dever, Marinês, eu acho dever [...] E de saber que o cara⁸ tocou no Municipal do Rio e de São Paulo, uma

⁸ Aníbal Augusto Sardinha, o Garoto (1915–1955).

obra do Radamés, um concerto para violão e orquestra que o Radamés fez para ele tocar, você sabia disso? Nem eu, tá? E o Ronoel⁹ gravou, você sabia disso que o Ronoel gravou? Não sabia, nem eu... [...] Bom, vamos lá. Estudando bastante um livro da Marcia Taborda que chama [...] E, sabe, tem a Gabriele¹⁰ chegando agora, violonista negra de força, tocando pra caramba, arrebatando, né, sabe [...] MM: – Não falamos da sua atividade de compositor... LS: – Tá, essa é curta, quer falar? (informação pessoal).

O anteparo que permite retomar o rumo da atitude científica perante esse tempo suspenso no passado do entrevistado (Ibid., p. 15) está dado também na contribuição do pensador francês Pierre Bourdieu (1930 - 2002) que chama a atenção das pessoas que lidarão com biografias para que fiquem atentas, pois o conceito de história de vida pode ser mal compreendido; isso leva ao risco de que o que é senso comum seja revestido de cientificidade, risco da conveniência, isto é, aceitar por comodidade de interesse a narrativa ideologizada de si do biografado [...]; o entrevistador tem que ter ciência de seu lugar sociológico, o seu distanciamento necessário para que a história real do biografado apareça para que ela tenha um valor sociológico (BOURDIEU, 2006, p. 183-191; REIS apud TOMSON, 2017, p. 58-59). Feitas essas considerações iniciais, segue a apresentação dos capítulos seguintes.

No capítulo 1, apresentamos um breve panorama sobre a importância do violão no Brasil com base nas pesquisas de Marcia Taborda, que situa o instrumento na movimentação artística e musical do Rio de Janeiro desde a vinda da família real em 1808 e defende o ponto de vista de que o violão sempre foi um instrumento democrático. Complementamos com a pesquisa de Giacomo Bartoloni, sobre a história da cidade de São Paulo, evidenciando as situações de discriminação sofrida pelos músicos violonistas. Ambos elegem o violão como um personagem através do qual revisitam a história do Brasil.

O capítulo 2 contém uma seleção dos testemunhos de Luís Stelzer, a partir de quatro entrevistas realizadas: a primeira em 14/09/2020, a segunda em 28/09/2020, a terceira em 05/10/2020, a quarta e última em 13/10/2020, publicadas nos apêndices A, B, C, D no final deste artigo. Nossa intenção foi aproximar a história individual de Stelzer a alguns aspectos importantes da história brasileira, a partir de 1964, ano de nascimento do entrevistado, na busca da compreensão da correlação entre o sujeito e seu meio e de como essa relação incide sobre sua história musical: "para compreender o homem, é necessário compreender sua historicidade" (ALBERTI, 2004, p. 18).

⁹ Sobre Ronoel Simões, cf. Revista Violão +, nº 16, p. 30.

¹⁰ A violonista Gabriele Leite. Cf. em <https://www.gabrieleleite.com/>

No capítulo 3 abordamos a constituição da Orquestra Violão Mais, sobre sua comunidade violonística, numa tentativa de contribuir para o aumento da fortuna crítica do instrumento que, por ser popular em nossa terra, ainda carece "de fontes bibliográficas que tratem de sua introdução e difusão na cultura brasileira" pelo fato de que poucos violonistas dominavam a escrita musical e o repertório costumava ser difundido informalmente (TABORDA, 2011, p. 20 e 138).

1. A IMPORTÂNCIA DO VIOLÃO NO BRASIL

Destina-se este breve panorama histórico da presença do violão na história brasileira sobretudo a quem não é violonista de formação ou não costuma ler sobre temas relacionados à música para que se possa avançar na reconstrução da história de Luís Stelzer e da presença do violão na Orquestra Violão Mais à luz da história musical.

O violão assumiu o papel de base harmônica dos principais gêneros da música popular, que são as modinhas, lundus, cateretês, maxixes, choros, sambas (Ibid., p.10; Id., VIOLA, 2020, 1'), instrumento que acompanha cantoras, cantores e poetas desde das missões jesuítas, passando pela bossa-nova, marco da música brasileira, até a atualidade em repertórios variados que vão do clássico ao popular. Lembremos, por exemplo, do programa "Um barzinho, um violão"¹¹, transmitido pelo canal Multishow no qual artistas de sucesso interpretam canções conhecidas acompanhados apenas pelo violão, uma edição televisiva das apresentações dos músicos da noite.

A viola, antecessora do violão, percorreu o país desde os tempos coloniais. A informação mais precisa que se tem é de que esse fato se deu a partir do ano de 1549, pelas cartas dos jesuítas. Estes padres que vieram com Tomé de Souza trouxeram, entre outros instrumentos europeus, a viola de arame, que foi maciçamente difundida entre colonos portugueses e indígenas, apesar da composição social do país ser de apenas 1/6 de portugueses. (BARTOLONI, 2000, p. 37 – 39; TABORDA, 2011, p. 41; Id., VIOLA, 2020, 6'45"). Em pouco tempo, tornou-se um importante instrumento acompanhante do pandeiro, tamboril e flauta nas festas e folguedos organizados pelos missionários. Do ponto de vista social, a viola de arame se apresentava como o elemento por meio do qual as classes dominantes da colônia difundiam a cultura musical moderna do Ocidente às classes

¹¹ O projeto do programa se desdobrou em uma coletânea de CDs, produzida pela Universal Music, com título homônimo, título que parafraseia o primeiro verso da canção bossanovista "Corcovado", de Tom Jobim (1927 - 1994).

subalternas do Brasil” (TABORDA, 2011, p. 43). Segundo Taborda, as principais referências sobre os antepassados do violão encontram-se no Cancioneiro da Ajuda, um conjunto de manuscritos de cantigas medievais galego-portuguesas produzidas no final da Idade Média¹², o violão surgiu na Europa nos fins do séc. XVIII e alcançou enorme popularidade nas principais salas de concerto.

Na cidade de São Paulo o violão sofreu depreciações por ser tocado pelas camadas populares de baixo poder aquisitivo (a classe operária formada basicamente de imigrantes, principalmente italianos em São Paulo e negros na transição entre a escravidão e a alforria), por não ser considerado, pelas elites paulistas, um instrumento apropriado para a música clássica, pois a elite paulistana elegeu o piano: “[...] o piano invadiu as saletas nuas, de folhinha na parede. Todas as meninas ficaram pianistas. Surgiu o piano de manivela, o piano de patas. A pleyela. [...]” (ANDRADE, 1924); valorizava-se a música de concerto, a ópera, os saraus literários e os espetáculos musicais. No entanto, os mesmos gêneros cultuados pelas altas classes eram transformados rítmica, melódica e harmonicamente pelos conjuntos de flauta, violão e cavaquinho, em reuniões informais, o que deu origem ao samba e ao choro. Já a viola caipira, segundo Bartoloni, citando o violonista e pesquisador Norton Dudeque e José Ramos Tinhorão (1928 – 2021) recebeu a sua cota-parte de preconceitos, sendo considerada um instrumento tipicamente rural, além da generalização da nomenclatura. Não se diferenciava viola, de violão e guitarra. (BARTOLONI, 2000, p. 13 - 62). Essa generalização, que tomou contornos discriminatórios, pode estar relacionada à origem do termo violão: que é aumentativo de viola e assim o instrumento é chamado nos países que falam a língua portuguesa. Nos países com outras matrizes linguísticas, o nome do instrumento deriva do árabe qitara: guitare - francês, guitar - inglês, gitarre - alemão, guitar - inglês, chitarra – espanhol. O aumentativo tem data de nascimento: em 1840, um método de viola francês foi traduzido para o português e a novidade foi divulgada substituindo-se a *v\i\o\l\l*a por *v\i\o\l\l*ã o e assim o instrumento passou a ser chamado. “[...] A palavra ‘violão’ só surge nos registros comerciais em 1826, em um anúncio de jornal onde é oferecido para venda “hum violão Francez de superior vozes” [...]” (PEREIRA, 2013, p. 187).

O argumento a seguir não cabe neste artigo, mas é importante pontuar que a popularização do violão também se relaciona com a sua produção e distribuição em larga

¹² Segundo Taborda, em fins do século XIII (VIOLA, 2020, 2'14"); de acordo com o Projeto Litera, os manuscritos foram produzidos em fins do século XII. (Cf. <https://cantigas.fcsh.unl.pt/sobreascantigas.asp>, último acesso em 04 jul 2022). Por isso a importância do trabalho de Musicologia Histórica, pois possibilita, a cada descoberta, às vezes ao próprio estudioso, atualizar as informações de uma pesquisa.

escala¹³. Essa questão é abordada por Tabora (2011, p. 144 – 149; 2021, p. 102 – 142) e também por Mayra Cristina Pereira que, em sua tese, estuda a construção instrumental não somente do violão, mas de diversos instrumentos no Rio de Janeiro (2013). Entre os portugueses que vieram para o Brasil na segunda metade do século XIX, estavam artesãos e luthiers que se estabeleceram no Rio de Janeiro e construíram instrumentos para diversos públicos, alguns modelos populares, o que tornou o instrumento acessível até aos escravos (BIBLIOTECA NACIONAL, LANÇAMENTOS DA BN, 2021, 44'32" – 45'40").

A década de 1870, com ares cosmopolitas, fez surgir os seresteiros e chorões, que entoam modinhas e lundus madrugada adentro, arrastando o violão para a boemia e “redutos de pobreza” (TABORDA, 2011, p. 82). O instrumento exige alto empenho técnico por parte do executante, mas em razão de preconceitos contra as camadas subalternizadas da população, passa a ser marginalizado. Na necessidade de demonstrar o quanto o violão era um instrumento merecedor de frequentar os salões, os violonistas organizaram muitos concertos nacionais e internacionais, tendo nos repertórios transcrições para violão de obras de Mozart, Haydn, Bach, Chopin e obras originais para violão solo de Augustin Barrios, Tárrega; dedicaram-se à difusão dos métodos Carcassi, Giuliani, Sor, Carulli também por meio de publicações.

Proporcionar a vinda de Josefina Robledo, discípula de Tárrega, ao Rio de Janeiro em 1922, teve como objetivo reabilitar o instrumento ante às camadas aristocráticas e fomentar argumentos que contradissem o conceito do violão associado ao universo boêmio, malandro, seresteiro, de personagens segregados como se fosse um fator negativo para apreciação de suas possibilidades virtuosísticas¹⁴. Assim,

[...] a figura feminina da espanhola Josefina Robledo (1892-1972) causaria certo impacto no meio e no imaginário relacionado ao instrumento. O discurso construído a partir da perspectiva do violão nas mãos de uma mulher viria envolto pelo encanto fabular, da lua e do coração, da doçura e da delicadeza. [...] a elegância e delicadeza relacionadas à figura mulher e o estigma e despreço pelo violão-violonista –,

¹³No setor de fabricação de instrumentos musicais, podemos destacar as fábricas de violões como a pioneira Gianninni (1900), além da Del Vecchio (1902) e da Di Giorgio (1909). Na importação e comércio de partituras bem como na comercialização de instrumentos citamos a Casa Bevilacqua, a Casa Di Franco (dentre as mais antigas e que também era editora de métodos e músicas populares); a Casa Manon, fundada em 1917 por Henrique Facchini, flautista e Dante Zanni, violinista. (BARTOLONI Apud BELARDI, 2000, p. 80).

¹⁴[...] A esse respeito o Jornal A Gazeta publicou em 27/05/1950, que em uma determinada entrevista realizada, Savio contrariando a opinião dos repórteres que diziam ser o violão um instrumento popular, afirmava com veemência que não, que o violão era sim, um instrumento aristocrático. [...]. Cf. Id., 1995, p. 44.

Robledo influiria no processo de ressignificação do instrumento (GARCIA, 2020, p. 13).

O advento da era do rádio e da indústria fonográfica colocariam o violão novamente em segundo plano na vida cultural, até 1926, quando o jornal Correio da Manhã promoveu concurso de violão e canto no qual inscreveram-se autores de lundus, maxixes, sambas, marchas carnavalescas, improvisos, emboladas, cocos, “ou qualquer outro gênero de música caracteristicamente brasileira” (TABORDA, 2011, p. 96). Nas entrevistas que concedeu, Stelzer faz muitas referências a Dilermando Reis, tocando no rádio e na televisão¹⁵.

Isaias Sávio (1900 – 1977) obteve importante vitória para o instrumento: a "implantação do primeiro curso oficial de violão no Brasil, no Conservatório Dramático Musical de São Paulo, no ano de 1947, e não desistiu até a sua aprovação, que só ocorreria em setembro de 1960" (BARTOLONI, 2000, p. 14). Com Turíbio Santos como professor na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)¹⁶ trabalhando na formação de violonistas, o violão terá constituído repertório de concerto e lugar próprio para difusão, ao chegar, enfim, às tradicionais salas de música” (TABORDA, 2011, p. 109).

Não sem barreiras a vencer, as perspectivas para a difusão do violão se ampliaram também através da política acadêmica com a inclusão do ensino do instrumento nos cursos de música das universidades públicas, no bacharelado e nas atividades de extensão. Essa questão foi uma intercadência na história de vida do Stelzer. Ao prestar vestibular na Universidade de São Paulo (USP) em 1983, acabou optando por prestar para o curso de História; o bacharelado em violão em São Paulo seria criado em 1986 por Edelson Gloeden, na Escola de Comunicações e Artes¹⁷ e, em 1987, o seu professor de violão nas Faculdades São Judas Tadeu¹⁸, se transferiria para o Instituto de Artes da UNESP, onde exerceria a docência no curso de Licenciatura em Educação Artística e, juntamente com Gisela Nogueira, criou, em 1994, o curso de Bacharelado em Violão¹⁹.

¹⁵ Cf. <https://jornalggn.com.br/tv-ggn/domingueira-ggn-dilermando-reis-e-a-era-dos-violonistas-do-radio/>. Acesso em 08 jul 2022.

¹⁶ A habilitação em Violão no curso de bacharelado da Escola de Música da UFRJ foi criada em 1980. Cf. <https://musica.ufrj.br/index.php/graduacao/bacharelado/#violao>, acesso em 03 mai 2022.

¹⁷ Cf. "Edelson Gloeden em conversa com Luciano Morais. (00:18:30 - 00:24:00)". Conversa de Violonista, Youtube, 02mai2020. Disponível em <https://youtu.be/9ofK-fzxKN8>. Acesso: 22 fev 2022.

¹⁸ Atual Universidade São Judas, o curso de música nesta universidade foi descontinuado.

¹⁹ Cf. Gisela Nogueira em conversa de violonista (00:26:42 - 00:31:00)". Conversa de Violonista, Youtube, 15 abr 2020. Disponível em <https://youtu.be/kz76nANCvLw> e Sérgio Fernandes entrevista Gisela Nogueira. (00:32:05 - 00:32:42). Violão & Violão, Facebook, 3 abr 2021. Disponível em <https://www.facebook.com/violaoevioloadm/videos/504001597275890>. Acesso: 22 fev 2022.

Edelson Gloeden em conversa com Luciano Morais. (00:18:30 - 00:24:00)". Conversa de Violonista, Youtube, 02mai2020. Disponível em <https://youtu.be/9ofK-fzxKN8>. Acesso: 22 fev 2022.

O violão alcançou as respeitadas salas de concerto e firmou-se também nos ambientes “[...] privados – saraus, salas de visita, varandas, quintais – ou públicos – ruas, bares, circos, coretos, teatros, festas populares [...]”. Foi também veículo de sociabilidade através da música: os grupos de violonistas eram solicitados para animar as festas tradicionais de famílias (aniversários, batizados, casamentos), podendo apontar que o violão atuou como um instrumento musical intercambiante, sendo admitido tanto nos salões como nas janelas das musas para quem os seresteiros, serenateiros, boêmios dedicavam - e ainda hoje dedicam - canções (Ibid., p. 115).

Uma importante reflexão, feita por Bartoloni em sua tese, citando Castagna, é que o violão alterou sua condição de instrumento desprestigiado para instrumento utilizado nos repertórios de concerto e popular. Hoje o grande desafio da comunidade violonística brasileira "é a pesquisa e a organização do seu repertório, o levantamento dos principais violonistas e a recuperação de sua história" (BARTOLONI apud CASTAGNA, 2000, p. 4).

3. TESTEMUNHOS DE LUÍS STELZER

Luís Cláudio Stelzer é um cidadão paulistano nascido no Pari, bairro localizado a nordeste do Centro Histórico de São Paulo, em 18 de abril de 1964. Filho de Aparecida Silva Stelzer (funcionária pública, falecida em 2019) e Walter Stelzer (16 de novembro de 1934), é o mais novo dos três irmãos (fig. 2). O Pari é um dos bairros – assim como o Belenzinho, Vila Prudente, Ipiranga, Cambuci, Moóca, Brás, Luz, Bom Retiro, Lapa, Água Branca, Barra Funda – formado por imigrantes em sua maioria italianos e por negros. Populações que constituíram a mão de obra operária no início do século 20, "todos ligados à localização das antigas fábricas, que por sua vez seguiam o traçado das ferrovias"²⁰ (Id., 2000, p. 69 – 70).

LS: Eu sou técnico em mecânica, formado, trabalhei como técnico em mecânica, inclusive para sustentar já um sonho que eu tinha de ser músico, porque não havia dinheiro para estudar, eu estudei, cheguei a estudar, voltando um pouquinho, cheguei a estudar com, fazer uma escolinha perto de casa, um pouquinho de violão popular, dos treze aos catorze anos, mas quando eu vi a dificuldade que o meu irmão insistiu para os meus pais pagarem a escola para mim, aí acabou dando certo,[...] mas eu vi a dificuldade, eu não era um cara muito assíduo nos estudos de violão, eu era muito CDF nas tarefas de estudar escola

²⁰ Ferrovias São Paulo-Railway, Sorocabana e Central do Brasil. Cf. Modernidade e comunicações: meios de transporte e território. Uma caracterização comparativa entre a Europa Ocidental e a América do Sul em corredores de infraestruturas ferroviárias, de Taís Schiavon, p. 344 -345 (fig.3). Disponível em <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/31042>. Acesso em 13 mai 2022.

mesmo, normal, mas no violão eu não era muito dedicado, não sentia lá muita necessidade disso. E aí eu vi que a dificuldade dos meus pais em pagar e eu parei porque bateu na consciência [...] (informação pessoal)

Desde 1993, é casado com Cibele de Sousa Meira (fig. 4), bibliotecária, grande incentivadora e parceira em seus projetos, parceria expressa em uma modalidade societária de natureza simples (fig 5), mas, muito mais, na presença ativa em apresentações musicais²¹ e eventos, como se pode ler nos relatos e textos escritos em pelo menos três²² das 26 edições da Revista Violão +, uma publicação on-line veiculada entre setembro de 2015 a outubro de 2017, e da qual Stelzer foi seu editor-técnico. É músico de apoio de artistas, entre as quais, Selma Buso, Hilda Maria (ex-violonista da orquestra) e Anamara Ribeiro; realizou trabalhos com a pianista Deise Hattum; oficinaireiro da modalidade Música em projetos da Prefeitura de São Paulo e também da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo.

Em 1987, concluiu o bacharelado em violão pelas Faculdades São Judas Tadeu (atual Universidade São Judas Tadeu), tendo sido aluno de Giacomo Bartoloni²³ e Henrique Pinto (1941 – 2010); fez licenciatura plena em Artes pelo Instituto de Educação e Qualificação Profissional (2017), e, mais recentemente, formou-se em técnico em regência coral na ETEC de Artes do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (2019) (Figs. 6, 7 e 8). Quanto ao que atualmente se denomina ensino fundamental e ensino médio no magistério oficial, Stelzer iniciou os estudos gerais em uma unidade do Serviço Social da Indústria (Sesi) instalada na Igreja Santa Rita de Cássia no bairro do Pari²⁴, bairro onde morou até 1993. Um cidadão de classe média que percorre a cidade, caminhando pela Vila Brasilândia, por Pinheiros, Perdizes, pelos Jardins, pelo Parque Novo Mundo com o violão a tiracolo. Luís

²¹ Por iniciativa de Cibele, a Orquestra se apresentou na formatura dos alunos do Cieja Paulo Emílio Vanzolini, em 2015. Foi uma experiência muito marcante, tanto pela oportunidade de se apresentar, como também por testemunhar uma experiência bem-sucedida de educação inclusiva na Prefeitura de São Paulo. O evento reuniu músicos, professores, alunas e alunos, familiares, autoridades, entre elas o então secretário municipal de Direitos Humanos e Cidadania, Eduardo Matarazzo Suplicy. Destaca-se o depoimento emocionado de uma aluna transgênero, que se formou junto com outras pessoas com histórias de vulnerabilidade, ou por serem migrantes, estrangeiros, com algum tipo de desvantagem física ou com algum transtorno de ordem neurológica ou pessoas que voltaram a estudar na fase adulta. Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PLn7ZG5_M5CszczRQm3z7mSpzlSaReNLgy. Acesso em 17 fev 2022.

²² Cf. a seção "Coda" das edições 6, 11 e 20, in: Revista Violão+.

²³ Por um erro do cartório, até 1991 a grafia do nome era Jácomo Bartoloni, quando entrou na justiça para alterar a grafia do nome para Giacomo e em 1991 passou a assinar Giacomo Bartoloni. Informação fornecida pelo violonista Fábio Bartoloni, seu filho, em 19.05.2022, via Messenger Facebook. Mais sobre Giacomo Bartoloni em: <https://doi.org/10.5965/2358092519192018213>. Acesso em 08 jul 2022.

²⁴ A paróquia foi fundada em no dia 30 de maio de 1937, criada e instalada perto da Escola Santa Maria. Em 10 de março de 1938 foi doado, pela família Bresser, o local atual. Somente em 15 de fevereiro de 1941 se deu a transladação da capela provisória. Cf. <https://arquisp.org.br/regiaoalem/paroquias/paroquia-santa-rita-de-cassia/matriz-paroquial-santa-rita-de-cassia>. Acesso 13 mai 2022.

Claúdio Stelzer não é, no sentido do termo aplicado por Marieta de Moraes Ferreira (1994, p. 9), um excluído, ao contrário, é bem recebido pela comunidade de violonistas e espaços por onde circula. É um cidadão que valoriza as trocas afetivas, as redes de colaboração

LS: eu sou um curioso da lutheria, e se eu posso dizer que eu tenho um guru nessa história é o Antonio Tessarin²⁵, certo? Coitado dele, quando ele morava em São Paulo eu me enfurnava na casa dele, né, nas minhas férias de aulas eu ia pra casa dele e passava durante uma semana, eu ia de manhã e saía às seis da tarde, almoçava com ele, tomava café com ele, lá com a Rosa, mulher dele [...] (informação pessoal).

O trecho da entrevista que se segue assevera sua busca pelo rigor formal ("tive que pesquisar [...] não existem muitos arquivos a respeito") e seu grande interesse do músico pelo tema do acesso à educação ("Eu estudei em uma escola que existia, sim, alguma coisa de projeto, digamos assim, social,") e embora não seja a finalidade desta pesquisa estudar a parceria entre o Sesi - uma entidade de direito privado mantenedora dos Centros Educacionais Sesi por todo o país - e o Estado brasileiro, via Ministro do Trabalho e Previdência Social, estabelecida pelos decretos-lei 9.403/1946 e 57.375/1965.1, fazer menção dessa experiência escolar contribui para a composição do perfil do regente, além de nos fornecer uma pista a respeito da organização escolar nesse período

LS: Eu estudei em uma escola que existia, sim, alguma coisa de projeto, digamos assim, social, para quem tinha carteira assinada, que era alguma coisa do funcionário, que era do Sesi, então eu estudei, não era escola pública, era particular não paga, que era no fundo da Igreja Santa Rita de Cássia, no Pari. E então eu estudei na Santa Rita e, inclusive, na época falava que a parte que eu estudava era a parte que não era do Sesi, que era da igreja mesmo, não sei, tive que pesquisar isso e não cheguei a nenhuma conclusão, que não existem muitos arquivos a respeito. (informação pessoal)

Da quinta à oitava série, estudou na E.E. Frei Paulo Luig (fig. 9) e, em 1979, ingressou no ensino médio integrado à formação em técnico em mecânica, na Escola Técnica Federal de São Paulo (atual Instituto Federal de São Paulo – IFSP) . Foi estagiário na Eletropaulo.²⁶

²⁵ Sobre Antonio Tessarin, cf. Revista Violão +, nº 17, p. 8–19 e <https://youtu.be/BovRYWtL8ZQ>.

²⁶ Eletropaulo (Eletricidade de São Paulo S.A.) - empresa estatal que em 1999 foi privatizada, em 2001 passou para o controle acionário para a empresa americana AES Corporation e em 2018 teve 73,38% de seu capital vendido para a ENEL, empresa italiana de distribuição de energia elétrica. A trajetória da companhia se iniciou em 1899, quando um grupo de empresários canadenses funda a The São Paulo Railway, Light Power Company Limited (mais tarde, passaria a se chamar Brascan). Em 1956 a empresa passa a se chamar Light - Serviços de Eletricidade SA. Em 1979, o governo brasileiro (general Ernesto Geisel), por meio da Eletrobrás, comprou da

Terminado o estágio e, já formado, trabalhou com vidraçaria e como inspetor de qualidade de mangueira de motor de automóveis, retornando para a Eletropaulo em cargo efetivo como técnico em mecânica (fig. 10). Na Eletropaulo, conheceu Edson Kameda²⁷, que viria ser o seu primeiro aluno de violão e com quem criaria mais tarde o Projeto Iniciação Escola. Kameda testemunharia os estudos de Stelzer no horário de almoço e o desligamento do amigo da empresa, com perspectiva de estabilidade, para dedicar-se à música. A amizade contribuiria para o surgimento da Orquestra de Violões que, a partir de 2019, passou a se chamar Orquestra Violão Mais.

LS: Só que nesse período já da Eletropaulo, eu tinha voltado ao conservatório, depois fui atrás do professor Ivan e fui dar aula em uma escola chamada grupo Ama, que era muito famosa, porque imprimia as revistinhas Vigu, que a gente comprava nas bancas de jornal." [...] "quando eu cheguei na faculdade, que eu descobri música clássica e me afastei dos trabalhos com música popular, porque não havia tempo, tinha que trabalhar período integral para me sustentar, né? E trabalhava, ainda era técnico em mecânica, tentava fazer o milagre ainda de fazer faculdade de música clássica e estudar de madrugada, estudava violão de madrugada (informação pessoal)

Há muita história para contar na retrospectiva de vida de Stelzer, do estágio atual da Orquestra até sua infância. Em geral, as histórias de músicos indicam ambientes familiares amplamente favoráveis ao aprendizado musical daqueles e daquelas que se dedicam às artes da música e apresentação com um instrumento musical. No núcleo familiar mais próximo de Stelzer, no entanto, não havia quem tivesse por hábito ouvir ou quem se interessasse pelo

Brascan o controle acionário da Light. Em 1981, o controle da parte paulista da empresa passa para o Governo de São Paulo (governo de Paulo Maluf) e assim, cria sua empresa de energia, a Eletropaulo - Eletricidade de São Paulo SA. A partir de 1995, com o Programa Estadual de Desestatização do governo Mário Covas, tem início a privatização da Eletropaulo, dividida em quatro blocos: um dos blocos foi a Eletropaulo Metropolitana, hoje ENEL.

Cf.

<https://www.memoriadaeletricidade.com.br/acervo/1924/eletricidade-de-sao-paulo-sa-eletropaulo#:~:text=A%20Eletropaulo%20Metropolitana%20foi%20privatizada,%2C%20Houston%20Industries%20Energy%2C%20Inc> e em Wikipedia, último acesso em 30 abr 2022.

²⁷ Edson, eu vou sair desse emprego? Pô, um puta emprego, você tem estabilidade, você vai largar tudo isso para viver de música? Ele pegou e saiu, aquilo me deixou meio assustado porque eu achava que a vida era aquela, mas uma pessoa, por um sonho, por uma coisa que ele sentia que era dele, ele teve a coragem de romper um trajeto que pra mim parecia muito lógico. Pra mim foi um despertar, existe uma vida fora da Eletropaulo, existe formas de se viver. [...] Achei aquilo, a princípio, absurdo, mas depois eu achei admirável, né, pela coragem em seguir aquilo que o coração dele dizia [...]. Edson Kameda também se desligou da empresa e tornou-se ator (DRT: 19.650 SP) e integra o Coletivo Oriente-se. (Edson Kameda, informação verbal).

estudo da música clássica, a não ser o que ele chamou durante a entrevista "clássicos mais populares"²⁸.

Os veículos de comunicação de massa, tais como a televisão e o rádio que difundiam as produções da indústria fonográfica foram fundamentais na formação de seu repertório. Em sua casa, os pais escutavam os repertórios dos artistas Roberto Carlos e Martinho da Vila. A maioria de seus familiares do ramo paterno escutava predominantemente Roberto Carlos. Na entrevista, recorda-se de que a programação musical da rádio e da televisão lhe trouxe referências do repertório da música brasileira e cita, como primeiros exemplos, Chico Buarque, Milton Nascimento e Elis Regina.

LS: [...] tocava bastante música brasileira na nossa primeira infância e bastante música brasileira que eu curto até hoje. Então minha referência de Chico Buarque, Milton Nascimento, Elis Regina, eram conseguidas pelo rádio, não tanto no ambiente familiar também, tá? Isso era as curadorias dos locutores de rádio, dos programadores musicais de rádio da época e da própria televisão, que a televisão antes de entrar no ar ficava tocando músicas [...] ²⁹ (informação pessoal)

Acrescente-se a essa lembrança o advento do programa dominical "Fantástico: O Show da Vida", transmitido a partir de 1973 pela TV Globo no qual, segundo Stelzer se recorda, tocava um solo ou outro do Dilermando Reis.

LS [...] eu tinha oito, nove anos de idade e uma das coisas que tocava, às vezes, era um solo ou outro do Dilermando Reis, tá? Que Dilermando Reis ainda estava ativo nessa época, o Dilermando Reis morreu, se não me engano, em 1980³⁰. E, então, uma outra coisa, aparecia o clipe do Dilermando Reis tocando Romance de Amor,

²⁸Um exemplo de clássico popular mencionado por Stelzer é a "produção" musical de Dilermando Reis (1916 - 1977), que tem trabalhos com Francisco Petrônio, cantor muito tocado nas programações e curadorias de rádios de frequência AM, tais como o Programa Zé Bétio e programas das emissoras de televisão, sendo Francisco o criador do Baile da Saudade, na Rede Globo. Dilermando acompanhou o cantor e com ele gravou 7 discos. Dilermando tocou em muitas rádios, Rádio Nacional e em muitas outras rádios, Rádio Clube do Brasil, Rádio Transmissora, veículo popular por excelência. Cf. em: https://youtu.be/bR1qLst_yto. Acesso em 12 maio de 2022.

²⁹Até meados da década de 1990, os canais de televisão encerravam suas transmissões, retornando no dia seguinte, ficando no ar apenas o chuvisco. Alguns canais começaram a transmitir programação musical até a entrada das barras de cor de padrão internacional (*color bars*) indicando que os técnicos estavam realizando a calibragem de monitores, câmeras para transmissão da programação do novo dia. Cf. em <https://tvhistoria.com.br/canais-saiam-do-ar-na-calada-da-noite/?cpid=txt>. Acesso em 13 maio de 2022.

³⁰ Sobre Dilermando Reis, cf. em <https://www.violabrasileiro.com/dicionario/dilermando-reis>. Acesso em 17 maio de 2022.

ou alguma coisa do gênero e era sensacional, eu ficava apaixonado pelo violão, vidrado pelo violão³¹. (informação pessoal)

O interesse pelo instrumento surgiu quando os primos³² e uma prima quase da mesma idade começaram a estudar violão e a tocar nas festas familiares. Mesmo durante o período em que fazia a aula de violão aos sábados pela manhã, com o professor Giacomo, já na faculdade, ele relata a dificuldade para se aproximar do repertório de seu interesse.

[...] não havia nenhum disco de violão em minha casa. Repito: nenhum! Fui a uma loja no centro de São Paulo, que muita gente conhece: a Baratos & Afins³³. [...] De repente, vejo este disco de Sérgio Abreu³⁴. Eu nem sabia quem era Sérgio Abreu. [...] comentei com o Giacomo. Ele olhou para mim e disse: [...] Eu não tenho este disco, ele está esgotado, o Sérgio Abreu é o melhor violonista do mundo, já parou de tocar e disse que não vai deixar lançar nada novamente. Então, corre lá!” (STELZER, 2016, p. 6)

Embora alertado sobre as dificuldades, "olha o que você está fazendo, isso aí não vai pagar as suas contas"/"olha, não tem dinheiro", não houve grande resistência quanto à escolha por estudar violão. Os primeiros estudos aconteceram dos 13 aos 14 anos, numa escola de música do bairro, mas Stelzer ainda não era assíduo estudante do instrumento e, diante da dificuldade dos pais, parou de cursar. E, como já foi dito, ingressou na Escola Técnica Federal (atual Instituto Federal de São Paulo – IFSP). No pátio da Federal, observava os colegas e os grupos tocando violão e isso trouxe à memória os primeiros acordes aprendidos com o professor Indalécio Santisteban.

LS: Eu comecei a levar meu violão ali e ficar perto da turma, nem conhecia, era meio tímido, tal. E o pessoal começou a me chamar, não era da mesma classe que a minha, [...] O pessoal lá estava mais amigável, então comecei a tentar tocar junto e aquele papo, aí comecei a curtir demais esse negócio, bichinho mordeu, foi aí que o bichinho mordeu mesmo. (informação pessoal)

³¹ Em consulta aos membros do Fórum do Violão, a respeito de anúncios de violões, Ricardo Dias respondeu que presumivelmente a peça Sons de Carrilhões foi utilizada como trilha em mais de um anúncio nos anos 1970, Fábio Zanon lembrou-se de uma cena na propaganda de violões Di Giorgio na qual aparece um homem andando a cavalo e tocando uma música em mi maior. Alexandre Espeleta já havia pesquisado sobre anúncios disponíveis no Acervo do Estadão e sugeriu visitar o Instagram da fábrica de violões Di Giorgio. Cf. em <https://violao.org/topic/24952-sobre-propagandas-de-tv-dos-violoes-di-giorgio-giannini-e-del-vecchio/> e <https://www.instagram.com/p/CRWfai7sSC8/>. Acessos em 12 mai 2022.

³² Luís Stelzer é primo de Luiz Henrique Fiaminghi, violinista, professor de música e músico do Grupo Ânima, mas não teve convivência musical com ele (informação pessoal).

³³ Loja de disco e gravadora em São Paulo, fundada em 24 de Maio de 1978.

³⁴ Sobre Sergio Abreu (1948). Cf. <https://guitarcoop.com.br/interview-sergio-abreu/>. Acesso em 17 mai 2022.

Uma das questões da história pessoal de Stelzer é que seu pai não permitia a seus filhos trabalharem na adolescência, Stelzer crê como uma forma de proteção à infância, já que “ele não teve esse negócio, esse troço chamado infância”(LS, informação pessoal). Em 1981, por influência de Maria da Conceição Amaral da Silva, uma ex-namorada que conheceu na Federal, foi estudar violão clássico em um conservatório situado no bairro de Vila Mariana, onde também lecionava a professora de piano Maria Aparecida Amaral da Silva (1929)³⁵.

Da adolescência para a fase adulta, Stelzer se viu diante de várias situações de preconceito, uma delas relacionada ao estudo que abraçara: uma das situações foi o preconceito etário, “então aos dezessete anos você é um vovô para começar a estudar violão clássico [...] - ah, que legal, então você vai fazer como hobby, eu: - não, eu quero ser profissional, eu estou tirando dinheiro de onde não tem, certo?” (LS, informação pessoal). Seu professor de violão, na época, na terceira aula, ao observar a tensão do polegar da mão esquerda “falava: - Olha, esse polegar preso, se você não aprender a soltar o seu polegar, você não vai poder tocar violão clássico”. Stelzer estudou nesse conservatório até meados de 1982, suspendendo os estudos musicais por falta de dinheiro, embora tivesse já investido na compra de um “Giannini M4”, no Mappin, uma grande loja de departamentos que teve seu auge nas décadas de 1970, 1980, até o início de 90, mas que faliu em 1999 sob comando da família Mansur³⁶.

Tendo passado em sexto lugar para uma vaga de estágio na então recém-nomeada Eletropaulo, manteve-se no estágio e no curso técnico³⁷ na Federal e se viu sem condições também de tempo para praticar o instrumento. Em 1983 conhece a Cibele, com quem é casado há 29 anos e que desde então o incentiva a voltar à prática da música. “E eu devo muito a ela, porque eu acho que eu ia refugar de novo, né? Até pelo impacto de ver aquele cara tocando absurdamente violão, que eu nem imaginava que existisse.” (LS, informação pessoal). Cibele conseguiu demovê-lo da ideia de cursar Engenharia sob o pretexto de ter emprego fixo por conta de sua formação em mecânica. Ainda assim, prestou a FUVEST para o curso de História até porque o curso de violão não existia na USP. Não ter passado na segunda fase não o chateou, gostava muito de História, todavia queria fazer música.

³⁵ Maria Aparecida Amaral da Silva. Cf. em <https://acervo.museudapessoa.org/pt/conteudo/historia/maria-aparecida-amaral-da-silva-149531>. Acesso em 12 mai 2022.

³⁶ Cf. <https://www.mappin.com.br/o-mappin/>. Acesso em 12 mai 2022.

³⁷ Stelzer não serviu o exército: morava no bairro do Pari, distrito da Regional da Vila Maria (atual Subprefeitura de Vila Maria). Segundo relata, por ser reduto do político Jânio Quadros (1917 – 1992) e, por um acordo deste com os militares, os homens moradores do distrito de Vila Maria eram automaticamente dispensados do serviço militar obrigatório.

A carreira técnica durou por volta de quatro anos, empregado na Eletropaulo, em outras empresas. Em 1984, Stelzer voltou a estudar em conservatório, desta vez com o professor Ivan na Academia da Música e Artes José Biancardi (Grupo Ama)³⁸, grupo responsável por um caso de sucesso editorial na década de 1970, a Revista Violão & Guitarra, mais conhecida por revista VIGU³⁹.

LS: Fui estudar com o Ivan e o Ivan falou para mim, isso foi em setembro mais ou menos, daquele ano de 84? É, 84... o Ivan falou para mim: - Você vai bem no violão, que legal, por que você não vai fazer faculdade de música? Aí eu gargalhei, né? Gargalhei, falei: - o que é isso, cara? [...] eu não lia, até hoje a minha leitura não é a leitura que um maestro deveria ter, eu leio mais ou menos, mas minha leitura era horrível. [...] Ele falou: - Não, vai lá na São Judas que dá. E a São Judas era uma faculdade barata, não é muito cara e o professor que tem lá é um professor fantástico, é meu mestre, que é o Giacomo Bartoloni. [...] estava contente com o professor Ivan, [...]. E o Ivan que insistiu: - Vai lá, vai assistir o Giacomo. [...]. E eu fui assistir um concerto da sala menor do MASP, e fui ver Giacomo, que era com J na época⁴⁰, o Jácomo Bartoloni. [...] E vi o Jácomo muito inspirado, tocando Sonatina Meridional, do Ponce, tocando coisas, Elogio de la Danza, do Brouwer, eu não sabia, não fazia ideia do que era isso, do que era esse repertório, não tinha nunca ouvido, nunca, nunca, em tempo algum eu tinha ouvido isso. Fiquei assim, paralisado, aí comentei com a Cibele [...] E a Cibele já tinha, um ano atrás, mostrado para mim o folder da São Judas: - Vai lá, presta. Eu falei: - Não tenho nem condição, não sei nem ler direito uma partitura, se o cara perguntar que tom a música eu não vou saber falar. E na primeira vez eu refuguei, não fui, aí ela veio de novo: - Olha, você viu o cara que vai ser seu professor, que seu professor atual falou que o cara é bambambam, você viu o cara tocando, se apaixonou pelo que o cara fez, o cara dá aula na São Judas, que é perto da tua casa, e tem curso à noite que eu já vi. (informação pessoal)

Após entrevista com o professor Giacomo Bartoloni durante a prova de habilitação, ingressou, ainda em 1984, na então Faculdade São Judas Tadeu (atual USJT). Em 1987, o prof. Giacomo assumiu a cadeira de docente no IA-UNESP quando Stelzer cursava o último ano do bacharelado, passando a ser aluno do prof. Henrique Pinto (1941-2010).

A incerteza quanto ao sucesso nos estudos do instrumento coincide com a circunstância instável do país em termos econômicos e políticos. Stelzer teve os primeiros contatos com o violão em pleno período da ditadura empresarial- militar que se instalara em 1964. Desde quando nasceu até concluir o bacharelado, houve 6 presidentes militares e um presidente eleito por meio de um colégio eleitoral, expediente previsto na Constituição de 1967. De 18 de abril de 1964 a 1988, foram 16 ministros da educação (entre 1953 a 1985, a pasta chamava-se Ministério da Educação e Cultura (MEC) e somente em 15 de março de

³⁸ Nome completo não confirmado. Supõe-se que seja Ivan Meira, a partir de informação presente em <http://www.jimmyred.net/marcio.html>. Acesso em 08 jul 2022.

³⁹ Cf. VASCONCELLOS, Renato, 2017, p. 77: O primeiro número da Revista Vigu (como era popularmente conhecida) foi colocado no mercado no final de 1974 pela Editora Imprima em parceria com o Grupo Ama. (Academia de Música e Arte José Biancardi). Seu idealizador foi o músico Mário Lúcio de Freitas.

⁴⁰ Cf. nota de rodapé n° 17, pág. 14.

1985, o Ministério da Cultura foi criado, por decreto, tendo tido quatro ministros entre 1985 e 1988.

Contudo o final da década de 1980 foi um momento decisivo na vida do violonista que já havia deixado a Eletropaulo para se tornar concertista, assunto que deu motivo para outra crônica (STELZER, 2017, p. 76-77). Aproximou-se do magistério do violão, “para minha grande sorte eu [...] adorei dar aula, me apaixonei pela didática, por ser professor, bora, vamos ser professor na vida, que tem essa possibilidade também”. Nesse mesmo ano, participou do Seminário Internacional Violão de Porto Alegre, da Faculdade Palestrina, referência em estudos de violão, indo buscar aprimoramento nos estudos de música de câmara, para resolver a “deficiência enorme minha de música de câmara”. Continuadamente buscando formação, Stelzer fez também aulas de estruturação musical com Reinaldo Garrido Russo, “pois tinha que melhorar a leitura”; com o prof. Reinaldo estudou harmonia e arranjo para a música popular (da qual havia se afastado ao ingressar no curso superior), paralelo ao último ano da faculdade. Em 1989, Stelzer conheceu o professor e violonista curitibano Orlando Fraga, da UFPR, durante o I Seminário Nacional de Violão da Cidade de Araçatuba⁴¹, seminário que lhe deu ânimo para formar sua própria orquestra de violões, do qual falaremos mais adiante.

Uma outra frente de atuação do Stelzer é a experiência do Iniciação Projeto Escola (1987-1989), uma escola de música, em parceria com o ator Edson Kameda (DRT: 19.650 SP), colega dos tempos de Eletropaulo. A escola funcionou num dos três quartos do apartamento do Edson e teve como professores o Paulo de Tarso Salles, o Giacomo Bartoloni e o Stelzer. Lá ocorreram aulas de piano e canto, o primeiro recital do violonista Fábio Bartoloni (figs. 11, 12, 13 e 13a.) e, a pedido de Henrique Pinto, a masterclass de Violão com a estadunidense Alice Artzt⁴², que se realizaria no Centro Cultural São Paulo (CCSP)⁴³.

LS: Sérgio Abreu teve um curso que ia ser dado ao Centro Cultural São Paulo com uma violonista americana chamada Alice Artzt, e é difícil de escrever isso, é A R Z T Z, alguma coisa assim [...] Isso e ela era muito próxima ao Sérgio Abreu e ela ia dar esse curso de dois dias no Centro Cultural São Paulo e o Centro Cultural São Paulo furou, miou e o Henrique veio pedir para mim para fazer na iniciação, que a

⁴¹ O Seminário foi idealizado e organizado pelo violonista José Calixto Marques de Oliveira, falecido em 02/08/2004. Cf. <http://www.blogdoconsa.com.br/2011/09/jose-calixto-violonista-de-aracatuba.html>

⁴² Artzt, Alice Josephine (1943). Iniciou os estudos de violão clássico aos 13 anos, estudando na França com Ida Presti e Alexandre Lagoya. Foi uma das principais concertistas mundiais nas décadas de 1970 e 80 (tradução nossa). Cf. original em inglês: Heck, Thomas F., and Jörg Jewanski. "Artzt, Alice." *Grove Music Online*. 4 Oct. 2012; Disponível em: <https://www.oxfordmusiconline.com/grovemusic/view/10.1093/gmo/9781561592630.001.0001/omo-9781561592630-e-1002227333>. Acesso em 6 mai 2022.

⁴³ O evento consta dos currículos Lattes dos violonistas Paulo Martelli e Ricardo Nicolau Luccas.

gente fazia uns recitais de violão que ganharam uma fama, né, na cidade de São Paulo, que era na garagem do prédio do Edson Kameda, que era o meu sócio da iniciação, que era o salão de festas (informação pessoal).

Segundo Edson Kameda, havia uma reforma em curso no CCSP, em razão disso foram canceladas as atividades e o professor Henrique Pinto, organizador da masterclass com Sérgio Abreu e Alice Artzt, não foi informado a tempo do cancelamento das atividades (informação verbal em 20 dez 2021). Uma pista para começar a compreender as circunstâncias desse fato - esse caso merece um estudo exclusivo e mais consistente - foi descrita pela filósofa Marilena Chauí, que assumiu em 1989 a Secretaria Municipal de Cultura São Paulo com a chegada de Luíza Erundina à Prefeitura sucedendo o governo de Jânio Quadros.

Chauí herdou uma secretaria na qual boa parte dos funcionários eram cabide de emprego do vereador Andrade Figueira, aliado de Jânio, enquanto outros funcionários estavam desmotivados (CHAUÍ, 1991). Só o CCSP havia tido cinco diretores e as "diversas mudanças de secretários e de diretores do CCSP no governo de "Jânio Quadros acarretaram desânimo; o centro sofreu um grande esvaziamento técnico, sendo que 28 funcionários só da Divisão Cultural saíram durante o período" (CENNI, 1991, p. 51).

Henrique Pinto, Sérgio Abreu, Stelzer e Kameda tiveram que lidar, em 10 dias, com uma dicotomia levantada por Chauí em conversa com Fernando Moraes, então Secretário de Estado da Cultura: "a dinâmica da repartição pública é contrária à lógica da criação cultural. O ritmo da cultura é incompatível com o ritmo da administração, a inventividade da cultura é incompatível com a rotina da administração [...]"⁴⁴

O espaço físico do Iniciação Projeto Escola foi o local do surgimento da primeira experiência da Orquestra de Violões liderada por Stelzer. Teve uma passagem rápida como professor do Grupa Ama, onde havia estudado. Em 1993, substituindo o professor Roberto Capocchi, ingressou no Conservatório Souza Lima, para onde levou a Orquestra que havia formado no Iniciação Projeto Escola; de 1989 a 2003, Stelzer lecionou na Faculdade de Pindamonhangaba (atual FASC Pindamonhangaba) onde implantou nova experiência de orquestra de violões e, mesmo não sendo licenciado, implementou o curso de Licenciatura em Música que foi aprovado pelo MEC.

⁴⁴ Cf. CHAUÍ, Marilena. Cidadania Cultural: relato de uma experiência institucional, in: Cidadania Cultural, o direito à cultura, p. 85 - 133 e Memória Roda Viva FAPESP, disponível em: https://rodaviva.fapesp.br/materia_busca/61/marilena%20chau%ED/entrevistados/marilena_chau_i_1999.htm, acesso em 13 mai 2022.

LS: [...] já dava aula em faculdade sendo apenas bacharel, o que não pode, mas com música podia, porque não tinha número de profissionais suficientes, não existiam mestres em música nos anos 80 praticamente, era raríssimo, aqui, formado no Brasil, praticamente nenhum [...] (informação pessoal)

A disposição para lecionar e implantar cursos de violão no ensino superior sem ter a titulação acadêmica que hoje é exigida para essa tarefa empreendida pelo Stelzer é uma experiência compartilhada em *lives* recentes por Gisela Nogueira, Edelton Gloeden e Giacomo Bartoloni. Como já foi dito anteriormente, o bacharelado em violão tem início na USP em 1986 com o ingresso de Edelton Gloeden, que havia sido convidado para fazer um recital em duo com Everton Gloeden no Departamento de Música porque havia o interesse em criar vagas para o ensino do instrumento. Edelton não tinha graduação quando foi convidado pelo maestro Olivier Toni a ocupar a vaga do violoncelista polonês radicado no Brasil Zygmunt Kubala (falecido em 2007). O critério para ingresso era a inserção dos músicos no mundo profissional da música. Edelton foi fazer a graduação na Faculdade Carlos Gomes, tendo sido seu professor, o seu ex-aluno Daniel Clemente. (GLOEDEN, 2020, 00:18:30 - 00:24:00).

Segundo Giacomo Bartoloni, de quem Stelzer foi aluno, o curso de licenciatura em violão foi criado na UNESP pela demanda dos alunos de Educação Artística. Até então eram obrigados a estudar piano como disciplina complementar, sendo que nem todas as escolas possuíam piano. Por isto preferiam aprender o violão para poderem tocar na aula de educação musical. Giacomo, bacharel em violão pela FAAM, fora aprovado para ser professor na licenciatura em 1986. No ano seguinte apresentou à reitoria da UNESP um projeto para criação do curso de bacharelado em violão, o projeto foi aprovado e o curso foi o terceiro mais procurado da universidade, atrás apenas dos cursos de medicina e direito, porque havia demanda de alunos da licenciatura e também de violonistas de alta performance que poderiam ter na docência um meio para o sustento. Foram abertas quatro vagas. (BARTOLONI, 2020, 00:42:18 - 00:51:00).

O curso oficial na mesma instituição, por iniciativa de Giacomo Bartoloni, foi criado em 1993 e a professora Gisela Nogueira era a única violonista com titulação acadêmica com possibilidade de prestar o concurso, por ter feito os estudos acadêmicos em apresentação violonística fora do Brasil.

O Giacomo Bartoloni já era professor na licenciatura, não tinha o bacharelado. Quem abriu o curso de bacharelado foi o Giacomo; ele que propôs para a UNESP a

abertura do curso. E aí, como eu era a única pessoa com titulação no Brasil, ele me telefonou, falou: – Gisela, vai ter um concurso e nós queremos abrir o bacharelado em violão. Você teria interesse em prestar esse concurso? (NOGUEIRA, 2021, 00:32:05 - 00:32:42)

O ano de 1997⁴⁵ é profissionalmente importante para o Stelzer. No período de 1º ao dia 11 de julho, aconteceu o Festival SESC Internacional de Violão, cuja programação de *workshops*, palestras, *masterclasses* reuniu violonistas, pesquisadores e autores. Durante o festival, Stelzer descobre a Técnica Alexander e uma solução para um problema postural, conforme relata na entrevista e na crônica "Limitação?"⁴⁶: ao ver o violonista novaiorquino David Starobin (1951) tocar o repertório romântico para violão, percebeu a possibilidade de uso da correia como a solução para problemas de postura que vinha tendo, por tentar se adaptar à postura clássica consagrada por Andrés Segovia (1893 – 1987), com o uso do apoio para pés ou outras soluções utilizadas por grandes violonistas

LS: [...] descobri posturas diferentes de tocar, porque eu tenho um problema de coluna muito sério e descobri que a forma de tocar o violão clássico, com o pezinho na perna esquerda, você levanta o joelho para tocar, para mim era impraticável, eu levei anos achando que era impraticável eu tocar violão clássico. Não, é impraticável essa postura, você pode tocar de N outras maneiras e levei muito tempo devido ao preconceito que eu mesmo deixei introjetar dentro de mim, as questões de como tocar. Então você vai descobrindo um milhão de outras coisas, então hoje em dia eu consigo ter uma performance muito boa [...] coisa que em 1997, por exemplo, eu achava que não, que era impossível para mim, hoje em 2020 eu acho que é totalmente possível. (informação pessoal)

Uma pesquisa mais detalhada ajudará a notar que a correia é um acessório utilizado por alaudistas e por violonistas que praticam o repertório com violão de construção romântica, bem como os músicos populares, seresteiros, trovadores. O tema da ergonomia aplicado ao instrumento parece ser negligenciado, mas é de extrema importância porque descobrir como segurar um violão se refere à possibilidade de acesso ao instrumento. O contato com o instrumento não deve ser sonogado a quem queira tocar de maneira que se sinta confortável para acolher um objeto externo ao seu corpo, numa integração harmoniosa entre instrumentista e instrumento.

Em todas as entrevistas, Stelzer relata as influências que constituíram o músico que ele é. Uma delas, o gosto pela música flamenca, que lhe foi apresentada pelo seu colega de

⁴⁵ Em 1991, integrou o trio de violões que tocou a adaptação para televisão da ópera Carmen, no Programa Primeiro Movimento. Cf. https://youtu.be/5hzDTZH_764. Acesso em 09 jul 2022.

⁴⁶ Cf. seção Coda, p. 76-77, Revista Violão+, n. 18, fevereiro, 2017.

faculdade, Nelson Machado, através da obra de Paco de Lucía (1947 – 2014). Paco mereceu uma dedicatória em forma de composição para dois violões chamada Paco, de autoria de Stelzer.⁴⁷

LS: Durante uma época importante da minha vida eu toquei com o violonista flamenco, acompanhei um violonista flamenco, o nome dele é Júlio César Peralta, ele tocava no Raíces de América. Ele mudou várias vezes de nome, então é difícil de achar onde esse cara está, se está vivo, se não está. O último nome que ele tinha adotado era Júlio Ramirez ⁴⁸ [...]foi bem pesado, mas saí tocando dois anos de flamenco sem aprender nenhuma técnica. Eu toquei as músicas do repertório, não aprendi uma técnica, então – faz uma bulería. Não sei. Faz um rasgueo, não sei, eu tocava aquelas músicas, que foi o que eu tive que aprender na hora. E eu trabalhava com um milhão de coisas também, não dava pra me dedicar [...] fui tocar num trio com o Ricardo Luccas e o Renato Candro, em 95, e aí a gente resgatou parte daquele repertório daquele disco antológico, o Friday Night in San Francisco, que é um disco que quem desculpa, por favor, vai conhecer e vai falar: - pelo amor de Deus, o que são esses caras? São três ETs! [...] (informação pessoal)

Percorrem pela memória de Stelzer referências musicais que se situam tanto no jazz (Egberto Gismonti, Keith Jarrett, Chick Corea⁴⁹) quanto na música popular brasileira (Milton Nascimento, Chico Buarque, Elis Regina, Gal Costa, Maria Bethânia), além das referências de violonistas. Por conta das influências citadas, informou ter tido dificuldade em acompanhar o rock brasileiro dos anos 1980 (BRock). "Fui gostar deles depois que eles deixaram de ser moda, na época que eles foram moda eu não gostava, tá?". De seu campo de observação, ao lembrar do músico Dominginhos (1941 – 2013), reflete sobre a importância das bandas de baile na formação do músico instrumentista: "a gente tem que prestar atenção neles porque eles passaram por uma escola que não existe mais, que é a escola do bailão, bailão sertanejo mesmo, o pessoal tem que tocar tudo na orelha " (LS, informação pessoal).

As reuniões, saraus e escolas espalhados pelo país são aportes musicais significativos para a formação e o conhecimento in loco de música brasileira [...], a

⁴⁷ Ver <https://youtu.be/kNxcBGPftdU>, acesso em 03 mai 2022.

⁴⁸ Júlio César Peralta (argentino, violonista clássico e flamenco) integrou a primeira formação do grupo de música latinoamericana Raíces de América, que teve a atriz Isabel Ribeiro, Celso Ribeiro e Mariana Avena (já falecidos), Tony Osanah, Freddy Góes, Willy Verdaguer, Enzo Merino e Oscar Segovia. Há poucas informações disponíveis sobre Júlio. O que se sabe, pelas redes sociais, é que mudou seu nome para Julio Ramirez, lecionou e participou de algumas formações musicais em Minas Gerais, onde viveu por 30 anos, vindo a falecer nessa mesma cidade em 01.11.2019, com aproximadamente 69 anos. Com a assinatura Júlio Cesar Peralta havia lançado um álbum na Argentina chamado Una Guitarra, Una Personalidad, de 1977, depois disso ingressou no Raíces de América.

⁴⁹ Chick Corea, 1941 - 2021

educação do ouvido, [...] a prática de conjunto em que se exercita a percepção musical numa amplitude considerável, alargando a vivência necessária à compreensão, como um todo, dos aspectos melódicos, contrapontísticos, harmônicos e rítmicos das peças. (BRITO, 2019, p. 42-43).

Escreveu métodos de ensino de violão (fig. 14), foi colunista da Revista Violão Pró entre fevereiro e dezembro de 2008, publicação em suporte impresso distribuídas nacionalmente em bancas de jornal de 2006 a 2010 (28 edições) e que se tornou referência no ENADE-FINEP (que avalia os cursos superiores do país). Foi editor-técnico das 26 edições da Revista Violão+, disponíveis na internet entre setembro de 2015 a outubro de 2017. É professor de violão nas Fábricas de Cultura da Poiesis (Instituto de Apoio à Língua, à Cultura e à Literatura) desde 2013 (fig. 15). Um de seus trabalhos mais recentes foi a revisão e digitalização dos exemplos musicais contidos no livro "Heitor Villa-Lobos: Vida e Obra (1887 - 1989), de Eros Tarasti⁵⁰. Escreveu e escreve arranjos, um dos mais bem-sucedidos é o arranjo que escreveu para a canção Água e Vinho, composição de Egberto Gismonti, com letra de Geraldo Carneiro (figs. 16 e 16a.): a partitura do arranjo foi publicada na Revista Violão Intercâmbio (nº 16, ano IV, Mar-Abr de 1996)⁵¹, foi tocada pelo violonista Eduardo Fleury, pelo Corda e Madeira Duo, pela Orquestra Violão Mais e gravada em CD pelo Trio Gótico de Violões, no ano de 1994⁵².

LS: peguei a partitura original do disco Alma do Egberto Gismonti, peguei a primeira parte, a mão direita e joguei na altura certa do violão em relação ao piano, que dá a sensação, às vezes, de que está na oitava acima, mas na verdade é porque o violão é oitava abaixo, então eu joguei para ficar na mesma altura que o piano faria e a mão esquerda eu passei para clave de sol e joguei para o segundo violão. Meu trabalho foi esse, não fiz mais nada, está tudo lá, quem fez o arranjo foi o próprio Egberto, né? E esse arranjo que eu fiz, que foi a combinação da mão direita e da mão esquerda do piano do Gismonti rodou o mundo, tem gente que gravou em CD, enfim, gente fora do Brasil gravou em CD, é uma história maravilhosa, que eu fiz porque não tinha o que mostrar para o Reinaldo e fiz isso de madrugada, as histórias. Mas, enfim, já tinha feito esse arranjo e aí pintou essa possibilidade, poxa, vou começar a montar minha orquestra, eu tenho um monte de aluno. Vou começar a montar a minha orquestra. (LS, informação pessoal).

⁵⁰ Tradução de Paulo de Tarso Salles. Cf. ISBN 9788569220770; site da Editora Contracorrente.

⁵¹ Cf. <https://www.violaobrasileiro.com.br/biblioteca/revista-violao-intercambio-n-16-ano-iv-mar-abr-1996>. Acesso em 08 jul 2022.

⁵² Cf. Trio Gótico, no. 18, em: <https://youtu.be/IvM6tyjWTq0> (Trio Gótico); Orquestra de Violões, em: <https://youtu.be/ZOk59sB1Hw8>. Acesso em 12 mai 2022.

Em todas as conversas, suas posições sobre os temas que estão postos no debate público ficam muito evidentes no acolhimento aos integrantes da orquestra e na forma de condução do grupo, buscando a heterogeneidade humana e diversidade na sonoridade, o que justifica a alteração do nome para Orquestra Violão Mais.

LS: estamos esperando alguém se animar a tocar cavaquinho lá, tem o ukulele com o Adriano, o Rodrigo agora tá animado com o ukulele também [...] o Toninho de vez em quando toca viola caipira, né, eu acho que dá um colorido legal pra orquestra, sabe, eu acho que amplia a nossa, a nossa gama de timbres, então eu não penso realmente em limitar isso. Acho que a orquestra, enquanto eu for o gestor dela, a orquestra não vai mudar essa característica, é uma das poucas coisas que eu não abro mão mesmo, não abro mão dessa diversidade, tá? (informação pessoal)

4. A CONSTITUIÇÃO DA ORQUESTRA VIOLÃO MAIS

A Orquestra Violão Mais⁵³ é uma entre as inúmeras orquestras de violão existentes no país, dentre as quais a Orquestra de Violões de Brasília, a Orquestra de Violões de Gramado, a Orquestra de Violões de Teresina, a Orquestra de Violões de Boa Vista, a Orquestra de Violões Oficina, a Orquestra Vozes do Violão, a Orquestra de Violões da Av-Rio, a Orquestra Jovem de Violões. Vale ressaltar que o conceito de orquestra pode ser pensado de forma ampla, há diversos tipos de formação instrumental como Orquestra de Berimbau, Orquestra de Violeiros, Orquestra de Atribaques, Orquestra de Pífanos de Caruaru, Orquestra de Cordas Dedilhadas de Pernambuco. Diferente das citadas, a Violão Mais nasceu autônoma, não foi um projeto de extensão universitária, embora a inspiração tenha surgido a partir de uma atividade acadêmica.

Ao ser perguntado sobre a ideia de orquestra de violões, Stelzer responde: “quando se fala em orquestra de violões parece uma invenção, ela é uma invenção mesmo, só não é minha”⁵⁴. Com efeito, na história do violão no Brasil, temos pelo menos três reluzentes exemplos: 1. Chiquinha Gonzaga regeu em 1887 uma orquestra de 100 violões em homenagem a Carlos Gomes no Teatro São Pedro (atual teatro João Caetano), Andrés Segóvia

⁵³ Cf. <http://cidadeembudasartes.sp.gov.br/orquestra-de-violoes-em-8-9/>. Acesso em 09 jul 2022.

⁵⁴ Uzwela - Conversa sobre Cultura com Corda e Madeira Duo, 05 de abril de 2018.

https://youtu.be/JI6xEcFT_Kk 00:41

sequer era nascido, João Pernambuco e Villa-Lobos ainda não tinham 5 anos de idade⁵⁵; 2. em 1940, Dilermando Reis formou uma orquestra com 10 violonistas, quando foi trabalhar na Rádio Clube do Brasil; 3. Antonio Manzione⁵⁶ (falecido em 2021, aos 86 anos) criou o Sistema Manzione de ensino coletivo de violão em 1969 no 2º Seminário Internacional de Violão de Porto Alegre⁵⁷.

Luís Stelzer⁵⁸ participou de uma oficina com um grupo de aproximadamente 50 violonistas, ministrada pelo prof. Orlando Fraga (UFPR), no I Seminário Nacional de Violão da Cidade de Araçatuba, em 1989. Fraga propôs um exercício de “prática” orquestral com violões (informação pessoal). Isto o motivou a formar sua própria Orquestra, em julho ou agosto de 1988. Em 5 de outubro do mesmo ano, foi promulgada a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, conhecida como "Constituição Cidadã", por ter sido concebida no processo de redemocratização, iniciado com o encerramento da ditadura militar no Brasil (1964 – 1985)⁵⁹.

Stelzer encabeçou mais de uma iniciativa orquestral com violões, no Iniciação Projeto Escola, na Faculdade em Pindamonhangaba; de 1995 a 2009, a Orquestra se manteve operante nos espaços do Conservatório Souza Lima. A partir de 2009, decidiu conduzir a Orquestra sem a assinatura do conservatório. Ao assumir o cargo de arte-educador, criou o projeto de violão em grupo com os alunos de violão da Fábrica de Cultura no bairro da Brasilândia, a partir de 2013⁶⁰. No intercurso desta pesquisa, associou-se a uma escola de música situada na zona oeste de São Paulo, o Atelier de La Musique, com o qual estabeleceu uma parceria para os ensaios da Orquestra. A prática em orquestra de violões passou a ser disciplina complementar não-obrigatória por não fazer parte da grade curricular oficial da escola, mas em relação à qual os alunos têm o compromisso de participar de recitais como prática de conjunto. Com a parceria, Stelzer mantém a autonomia do projeto.

A partir de março de 2020, período de pandemia, os ensaios passaram a acontecer semanal e virtualmente, através das plataformas de videoconferência. Na busca por descobrir

⁵⁵ Cf. no site de Chiquinha Gonzaga: um jornalista da época a chamou de maestrina, por não saber se era “lícito afeminar o termo” maestro. <https://chiquinhagonzaga.com/>.

⁵⁶ Cf.

<https://www.violaobrasileiro.com.br/blog/morre-antonio-manzione-maestro-que-ensinou-as-primeiras-notas-musicais-a-grandes-nomes-do-violao-brasileiro/412>. Acesso em 12 mai 2022.

⁵⁷ SILVA, Antonio Francimar Lôpo da; PEREIRA, Enzzyo Leonardo, 8'00" - 10' 05"; OLIVEIRA, Victor Matos de, 19' 50" - 21' 50" in: https://youtu.be/4yN_eizS7uk. Acesso em 12 maio de 2022.

⁵⁸ Participaram também Edson Kameda e Ricardo Nicolau Luccas (LS, informação pessoal).

⁵⁹ Cf. <https://www12.senado.leg.br/noticias/infograficos/2017/10/30-anos-da-constituicao-cidada>

⁶⁰ <https://www.poesis.org.br/new/trabalhe-conosco/ver.php?id=121>. Acesso em 13 mai 2022.

como fazer ensaios síncronos, a Orquestra e alguns convidados⁶¹ se reuniram em 19.08.2020, por videoconferência, com o professor Diego Romero Mascaró (Universidade de Quilmes, Argentina), coordenador do Projeto Ságora, um programa que propõe ensaios em tempo real.

Neste ano, a Orquestra tem experimentado o formato híbrido de ensaios. Também tem buscado ferramentas que favoreçam a prática instrumental tais como Audacity, Reaper ou BandLab, que são *softwares* de gravação e mixagem de áudio. Em paralelo, a Orquestra de Stelzer utiliza programas de edição de partituras como o Encore, Sibelius e o MuseScore. A Orquestra também se ocupa do seu repositório, testou a plataforma Slack de compartilhamento de arquivos, porém tem se valido com maior frequência do Drive do Google. Todas essas iniciativas são discutidas tanto nos encontros virtuais como em mensagens do grupo do WhatsApp.

Além de considerar um nome fácil de lembrar, Stelzer relaciona o nome Orquestra de Violões, por analogia, com um diálogo entre Adoniran Barbosa⁶² e Carlinhos Vergueiro quando da gravação de uma canção de trabalho composta pela dupla, chamada Torresmo à Milanesa, em que o verso “arroz com feijão e um *bife* à milanesa” é alterado para “arroz com feijão e um *torresmo* à milanesa”, a pedido de Adoniran. “–Mas por que? –Porque não existe. Então se você for pesquisar, torresmo à milanesa não existe [...]” STELZER apud BARBOSA; VERGUEIRO. “Mas vamos lá, orquestra de violões é um treco que não existe, né, porque orquestra tem um blablabláblá, não é? Não tem?” Após pesquisar a origem do termo orquestra, “um lugar onde os músicos ou os artistas ficam, que a gente costuma chamar também de palco [...] fiquei tranquilo, porque a pessoa pode falar o que quiser, eu pesquisei, eu sei que orquestra é um nome fantasia adequadíssimo (LS, informação pessoal).

Desde sua existência, o grupo se auto identificou como Orquestra de Violões. Por ter feito muitas apresentações durante o período em que permaneceu nos espaços do Conservatório, a Orquestra foi identificada com o nome Orquestra de Violões Souza Lima, “até hoje o pessoal tenta chamar a Orquestra de Violões, que parou de trabalhar junto com o Souza Lima no fim de 2009” (STELZER). Manteve-se, de 2009 até o presente ano, apenas como Orquestra de Violões, quando Stelzer decidiu renomeá-la, lançando a consulta entre os componentes durante os ensaios da Orquestra a respeito do nome. A mudança de nome para

⁶¹ Participaram, além dos componentes da Orquestra, Isamara Alves Carvalho (UFSCar) e Pedro Paulo Bodesan (ECA/USP).

⁶² Cf. ANDRADE, Bianca Basílio de. Adoniran Barbosa - o samba pede passagem A cidade de São Paulo e o cronista do povo, in: <http://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/197-614-1-SM.pdf>. Acesso em 12 mai 2022.

Orquestra Violão Mais se deu em 2020. É importante destacar que o regente sempre recusou a usar seu nome para nomear a formação que lidera.

LS: Eu cheguei até a arrumar um nome legal, mas era um nome que eu já uso pro meu duo, que é o Corda e Madeira, eu cheguei a falar Corda e Madeira Orquestra, e assim, muito legal o nome, esse nome saiu de eu pensar, ficar pensando muito nessa história e assim, o nome mais perfeito é o nome de uma banda que já existe, que já existiu, nem sei se existe ainda, que é a Banda de Pau e Corda⁶³, é o nome mais perfeito do mundo, tá? [...]. E tinha um nome maravilhoso que é de autoria do Nilton⁶⁴, que é o Violão Mais, que era o nome da revista [...] E ficou Orquestra Violão Mais, que eu acho perfeito, porque ele tem a mesma ideia da revista, [...], então pro momento atual [...] é perfeito, porque é o momento da orquestra, a orquestra se abriu, ela trabalha com outras coisas também, então eu acho que tá tudo certo, né, eu acho um nome ótimo. [...] (informação pessoal)

São inúmeros os desafios para manter operante uma orquestra de músicos não profissionais e reunir pessoas de diferentes estratos socioeconômicos e socioculturais e visões de mundo por vezes conflitantes em torno de um assunto comum que é a prática do repertório para violão:

- manter semanalmente os ensaios, que acontecem sempre às quartas-feiras, às 20h, há mais de 20 anos.
- comprometimento com a presença nas apresentações.
- estudo prévio do repertório, em casa e, como desdobramento da pandemia, a gravação dos estudos de naipe em áudio ou em vídeo.
- desde que se formou na ETEC, tem procurado manter a menor dispersão possível durante o ensaio, mesmo que seja a respeito do repertório estudado, pois são ensaios semanais de duas horas de duração.

LS: “[...] que a pessoa tenha vontade de trabalhar em conjunto e que demonstre, né, no seu trabalhar que é uma pessoa que sabe construir conjuntamente, porque se não souber, nós vamos continuar trabalhando com essa pessoa, mas essa pessoa, aos poucos, vai perceber que talvez não seja o lugar dela[...] (informação pessoal).

Ainda que a maioria dos componentes seja de classe média, a composição é heterogênea, pois a Orquestra já reuniu pessoas do ramo de música, jornalismo, engenharia, segurança pública, direito, magistério e educação. Houve a tentativa em receber alguns educandos em violão da Fábrica de Cultura da Brasilândia onde Stelzer é professor, no entanto a barreira da distância até os arredores da av. Paulista, (no apartamento de uma

⁶³ Cf. <https://immub.org/artista/banda-de-pau-e-corda>. Acesso em 08 jul 2022.

⁶⁴ Nilton Corazza, coordenador pedagógico do Atelier de La Musique.

componente da Orquestra) onde os ensaios aconteceram de 2009 a 2020, não havia sido vencida. Na pandemia, os ensaios aconteceram de forma remota, via zoom, com a parceria da Atelier. Stelzer pretende manter os encontros no formato híbrido para facilitar a participação de violonistas que queiram tocar na Orquestra e sejam de outras localidades ou tenham dificuldades de deslocamento. Durante os ensaios experimentam-se prática de conjunto e refinamento das peças a serem tocadas. Não somente pela atuação, mas também pelo compromisso que a Orquestra assume para com os públicos quando há uma apresentação. É raro haver remuneração. Os recursos são utilizados para manutenção dos instrumentos e equipamentos.

Em relação à administração das diferenças, Stelzer conta com a percepção, “um certo feeling” dos comportamentos da Orquestra, se é preciso mudar ou não alguém de naipe, se o músico prefere tocar em um mesmo naipe ou experimentar outros naipes, se toca mais de um mais de um instrumento, “tem que ficar atento e trabalhar dentro da condição da pessoa” (LS, informação pessoal). Na entrevista, o maestro ressignifica sua própria atuação dentro da Orquestra. O aprendizado no curso técnico de regência ampliou sua objetividade em relação a adotar uma postura de administrador: “[...] para ser regente tem que administrar [...] as pessoas não vão ser mais organizadas porque elas tão na orquestra, elas vão ser mais organizadas se você mostrar algum caminho, e o primeiro caminho é você ser organizado” (LS, informação pessoal). Essa tomada de consciência de seu papel à frente da Orquestra se reflete junto aos componentes:

LS: estar mais organizado reflete em todos estarem mais organizados, eu ser solidário reflete em as pessoas serem solidárias, sim, reflete, não é porque eu faço as pessoas ficarem melhor, não, é porque isso se reflete mesmo [...] vai passar pra Orquestra, a orquestra vai ficar com a cara do regente, porque é o regente é que administra. Então [...] vai ficando com uma cara, né, então eu sei que enquanto o pessoal me respeita enquanto regente, como maestro da Orquestra [...] que a cara seja cara de acolhimento, de um lugar que as pessoas se sintam bem, né, se sintam felizes fazendo o que estão fazendo, né? (informação pessoal).

A propósito do grau de profissionalização da Orquestra, Luís Stelzer opta por classificá-la como um coletivo semiprofissional. “É o que a gente chama de amador, mas é um amador com compromisso” (LS, informação pessoal). Receia chamar de orquestra amadora no sentido de falta de comprometimento e rotina. “Agora, conte comigo se você é uma pessoa que trabalha junto à biblioteca e tem o violão como seu instrumento que você

estuda, também. Amadora, mas com compromisso. Você é professora de matemática, você é advogado, já tivemos até delegado de polícia na Orquestra” (LS, informação pessoal). E complementa que por ser inclusiva, "a Orquestra tem pessoas com ideologias diferentes, mas tem que ter compromisso com os ensaios e apresentações" (LS, informação pessoal).

Nos anos anteriores, houve iniciativas de integrantes em inscrever projetos de apresentações no PROAC, no VAI de São Bernardo do Campo, a Orquestra foi contemplada neste último e tocou em parques, praças e teatros desse município⁶⁵.

LS: [...] foi o momento mais profissional que a orquestra teve, que houve investimento e compra de equipamentos pra gente poder fazer as apresentações em praças” e a gente já fazia essas apresentações em praça desde 2006, na Praça dos Omaguás, em Pinheiros, lá com a Norma, né, e a gente começou a fazer algumas apresentações beneficentes, tá, e que começou a rolar muita apresentação externa. A gente começou a fazer mais externa do que teatro e pra isso a gente começou a ter equipamento, né, pra poder fazer isso (informação pessoal).

Stelzer se recorda de dois registros em CD gravados pela Orquestra: em 2002, cujo resultado da gravação não foi por ele aprovado e em 2006 que, por decisão da direção do Conservatório Souza Lima, chegou a ser prensado sem que tenha sido divulgado, pois implicaria no recolhimento de direitos autorais. A autocrítica que faz é:

LS: [...] eu podia bater a mão no peito e falar –Eu faço essa porcaria, que era a vontade que eu tinha, mas eu tinha que pagar o meu aluguel e tinha muita dificuldade pra pagar o meu aluguel, certo? Então não havia dinheiro e eu tinha o orgulho [...] tem a minha parcela grande, tá, da culpa, vamos dizer assim, da história, é que eu desisti de batalhar pra que esse projeto virasse, né e que poderia ter dado a questão de profissionalismo que a gente fala tanto, né, porque aí você tem um CD, você tem, né, na época era importante, hoje você tem o CD não físico, mas você precisa ter um trabalho gravado, e nós chegamos a ter o trabalho gravado, bem gravado, boa qualidade, tudo mais, certo? [...] Logicamente tem problemas, tem nota errada, tem um monte de coisas que são coisas de produção falha, tem, né. Dentro disso, ainda é bem agradável de ouvir, tá? Dentro disso é bem agradável de ouvir. Como até o primeiro é agradável de ouvir, mas aí as falhas são maiores, né, aí, pra mim, já tava abaixo do que eu permitiria mesmo (informação pessoal).

⁶⁵ Sobre mecanismos de fomento à Cultura, cf. tese de Danilo Júnior de Oliveira. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2140/tde-26042015-114711/publico/integral.pdf>. Acesso em 09 jul 2022.

LS: foi um momento que eu pensei em parar com a orquestra muito seriamente, eu cheguei a falar que a orquestra tinha acabado, [...] a Luisa (fig. 17) é uma das responsáveis pela orquestra não ter acabado, tá. Isso foi, eu tava no meu estúdio, então é antes de 2013, [...] um ensaio muito importante, e [...] eu recebo a notícia de três desistências da orquestra no mesmo dia, no dia do ensaio, e outros componentes que não apareceram e não deram nem satisfação [...] um ensaio da orquestra importantíssimo e eu tinha a Luisa, que tinha acabado de entrar, então acho que é 2010, 2011, por aí, a Luisa, que tinha acabado de entrar, e o Toninho. [...] a Luisa é uma pessoa importantíssima e nesse momento foi mais um momento importantíssimo que ela apareceu e ela salvou. (informação pessoal).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relendo as entrevistas concedidas por Luís Cláudio Stelzer, concluímos que foi imperioso e imprescindível realizar este trabalho tendo como alicerce a Metodologia da História Oral. A questão do método favorece o resultado da pesquisa no que tange à objetividade do tema estudado. Foi a descoberta de um caminho pelo qual se pode ampliar a compreensão da Orquestra Violão Mais (figs. 18 e 19), bem como levantar histórias de violonistas que "do chão da fábrica" e de outros personagens contribuem para a circulação do repertório escrito para o violão.

Optar pela historicização dos testemunhos do Stelzer foi outra decisão importante para a condução deste trabalho, pois contribuiu para compreender os seus movimentos, seus empreendimentos e as estratégias que adotou para sobreviver profissionalmente da música e mantendo a Orquestra de Violões autonomamente ainda que com percalços.

A maneira de se expressar eloquente de nosso entrevistado ao rememorar sua história musical e suas escolhas estéticas se soma à sua visão de músico-educador, de leitor, cronista e de cidadão atento às contradições que a vida apresenta, sem se poupar, ao mesmo tempo em que lança um olhar compreensivo para as situações que viveu e testemunhou.

Que sua história inspire outras histórias, fortaleça os integrantes da Orquestra. Que a Metodologia da História Oral seja cada mais apreciada pela comunidade violonística, por educadores musicais, pesquisadores e músicos, elas e eles, Brasil adentro. Que os resultados das pesquisas formem um coro polifônico pela transformação para melhoria da realidade brasileira, pela contribuição da Música.

6. REFERÊNCIAS

A) Bibliografia principal

AJZENBERG, Elza. Schenberg e a crítica de arte. In: AJZENBERG, Elza (org.) **Schenberg Arte e Ciência**. São Paulo: Centro Mário Schenberg de Documentação da Pesquisa em Artes - ECA/USP, 1997, p. 53 – 67.

ALBERTI, Verena. O lugar da história oral: o fascínio do vivido e as possibilidades de pesquisa . In: ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BIBLIOTECA DA ECA/USP. **Manual de normalização da Biblioteca da ECA: complementar às Diretrizes USP (ABNT)**. São Paulo, 2019, 36 p. Disponível em https://www.eca.usp.br/sites/default/files/2021-05/diretrizes_complementares_20200629.pdf. Acesso em 14 mai 2022.

BRASIL. Lei 11.769/2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica**. Brasília, 2008.

CHAUÍ, Marilena. Cidadania Cultural: relato de uma experiência institucional. In: **Cidadania cultural: o direito à cultura**. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2006, p. 65 – 102.

FERREIRA, Maria Nazareth. **Alternativas metodológicas para a produção científica**. São Paulo: CELACC-ECA/USP, 2006. Disponível em <http://celacc.eca.usp.br/pt-br/publicacoes/208>. Acesso em 14 mai 2022.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: um inventário das diferenças. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Coordenação); ABREU, Alzira Alves de et al. **ENTRE-VISTAS: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1998, p. 1–13.

OLIVEIRA, Prof. Dr. Dennis de (org.). **Metodologia de pesquisa de bens simbólicos**. São Paulo, CELACC ECA USP, 2016, 38 p.

REIS, Claudia Vendramini. **Um museu está desaparecendo em São Paulo. A trajetória do Museu de Folclore Rossini Tavares de Lima**. 2017. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Museologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/103/103131/tde-06112017-155502/pt-br.php>. Acesso em: 09 jul 2022.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23a ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007. SILVA, João Amaral. **Ações do Sesi e Senai no cenário jurídico-constitucional**. Brasília: Trabalho de Conclusão de Curso. Instituto Brasiliense de Direito Público – IDP, 2012, 20p. Disponível em https://repositorio.idp.edu.br/bitstream/123456789/1454/1/Artigo_JO%C3%83O%20AMARAL%20SILVA.pdf. Acesso em 14 mai 2022.

STELZER, Luís. Coda: Desistir? Jamais! **Revista Violão+**, São Paulo: Blue Note - Consultoria e Comunicação, 2016, n° 6, p. 68-69.

STELZER, Luís. Coda. Será que foi o flash? **Revista Violão+**, São Paulo: Blue Note - Consultoria e Comunicação, 2016, n° 11, p. 76-77.

STELZER, Luís. Coda. Tropeçando nos meus preconceitos. **Revista Violão+**, São Paulo: Blue Note - Consultoria e Comunicação, 2017, n° 17, p. 18-19.

STELZER, Luís. Coda. Tropeçando nos meus preconceitos. **Revista Violão+**, São Paulo: Blue Note - Consultoria e Comunicação, 2017, n° 20, p. 78-79.

STELZER, Luís. No Player. Sérgio Abreu interpreta Paganini e Sor. **Revista Violão+**, São Paulo: Blue Note - Consultoria e Comunicação, 2016, n° 8, p. 6-8.

STELZER, Luís. Especial. Onde foi parar? **Revista Violão+**, São Paulo: Blue Note - Consultoria e Comunicação, 2016, n° 16, p. 30-31.

STELZER, Luís. Coda. Tropeçando nos meus preconceitos. **Revista Violão+**, São Paulo: Blue Note - Consultoria e Comunicação, 2021, n° 17, p. 89.

TABORDA, Marcia. **Violão e identidade nacional**: Rio de Janeiro, 1830 – 1930. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2011.

TARASTI, Eero. **Heitor Villa-Lobos**: vida e obra (1887-1959). Tradução: Paulo de Tarso Salles, Rodrigo Felicíssimo, Claudia Sarmiento. São Paulo: Editora Contracorrente, 2021. 600 p.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica. **Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP**: parte I (ABNT). São Paulo, 2020. Disponível em <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/459/413/2006-1>. Acesso em 13 mai 2022.

B) Dissertações, teses, artigos, periódicos

ANDRADE, Bianca Basílio de. **Adoniran Barbosa - o samba pede passagem**. A cidade de São Paulo e o cronista do povo. São Paulo: Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade de São Paulo, 2011. Disponível em <http://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/197-614-1-SM.pdf>. Acesso em 12 mai 2022.

CENNI, Roberto. **Três centros culturais na cidade de São Paulo**. São Paulo: Dissertação de mestrado. USP, 1991, p 9 – 70. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27131/tde-02092015-090526/publico/Cenni.pdf>. Acesso em 13 mai 2022.

ESCOLA DE MÚSICA DA UFRJ. **Violão**. Graduação, Bacharelado. Disponível em <https://musica.ufrj.br/index.php/graduacao/bacharelado/#violao>. Acesso em 12 mai 2022.

GARCIA, Cláudia Araújo. A Fuga da Donzela: Relações entre Mulheres, Violão e Discurso na Cultura Brasileira. **Revista Vórtex**, Curitiba, v.8, n.3, p. 1-21, 2020. Disponível em http://vortex.unespar.edu.br/garcia_v8_n3.pdf. Acesso em 14 mai 2022.

LLANOS, Carlos Fernando Elias. **Nem erudito, nem popular**: por uma identidade transitiva do violão brasileiro. 2018. Tese (Doutorado em Musicologia) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27157/tde-25072018-154131/en.php>. Acesso em 08 jul 2022.

OLIVEIRA, DANILO JÚNIOR DE. **Direitos Culturais e políticas públicas**: os marcos normativos do Sistema Nacional de Cultura. São Paulo: Tese de doutorado. USP, 2014. 165 f. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2140/tde-26042015-114711/publico/integral.pdf>. Acesso em 09 jul 2022.

PACCA, Penha Elizabeth. **A estagnação urbana como parte da metrópole paulistana do século XXI** - o caso do Pari. São Paulo: Tese de doutorado. USP, 2010. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16139/tde-01062010-092111/pt-br.php>. Acesso em 22 jul 2022.

PEREIRA, Mayra Cristina. **A circulação de instrumentos musicais no Rio de Janeiro**: do período colonial ao final do primeiro reinado. Rio de Janeiro: Tese de doutorado. Unirio, 2013. 284 p + CD-Rom. Disponível em <http://www.unirio.br/ppgm/arquivos/teses/mayra-pereira>. Acesso em 08 jul 2022.

PRANDO, Flavia Rejane. **O mundo do violão em São Paulo**: processos de consolidação do circuito do instrumento na cidade (1890-1932). Tese (Doutorado em Musicologia) - Escola de Comunicações e Artes, University of São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27157/tde-24082021-211659/en.php>. Acesso em: 04 jul 2022.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Políticas culturais no Brasil**: tristes tradições. Revista Galáxia, São Paulo, v. 13, p. 101-113, 2006. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1469>. Acesso em 09 jul 2022.

SCHIAVON, Taís. **Modernidade e comunicações: meios de transporte e território**. Uma caracterização comparativa entre a Europa Ocidental e a América do Sul em corredores de infraestruturas ferroviárias. Évora: Tese de doutoramento. Universidade de Évora - Instituto de Investigação e Formação Avançada, 2021, p. 344-345. Disponível em <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/31042>. Acesso em 13 mai 2022.

SILVA JR., Nabor Francisco da. **Educação: o negócio do Sesi-SP e as necessidades dos estudantes**. São Paulo: Dissertação de mestrado. USP, 2015, 122 p. Disponível em https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-19012017-130538/publico/2015_NaborFranciscoDaSilvaJunior_VOrig.pdf. Acesso em: 14 mai 2022.

SOUZA, Mariana Aranha de. **O Sesi em suas entrelinhas**: uma investigação interdisciplinar no Centro Educacional Sesi 033. São Paulo: Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica, 2006, 134 p. Disponível em https://www5.pucsp.br/gepi/downloads/RESUMO_DISSERTACOES/DISSERTACOES_COMPLETAS/MARIANA_ARANHA.pdf. Acesso em 14 mai 2022.

C) Material audiovisual

ABREU, Sérgio. **Interview Sérgio Abreu**. GuitarCoop Entrevistas | 04 fev 2016. Entrevistador: Marcelo Kayath. 4 vídeos (86 min 62 s). Canal GuitarCoop. Disponíveis em <https://guitarcoop.com.br/interview-sergio-abreu/>. Acesso 3m 17 mai 2022.

BARBOSA, Adoniran. **Torresmo à Milanesa (1980) e Já Fui uma Brasa (1973)**. In: Adoniran Barbosa Especial. EMI-Odeon, c.1990. 1 CD. Faixas 10 e 18 (52 min 18 s).

BIZET, Georges. Carmem (adaptação). Programa Primeiro Movimento. São Paulo [S.l.], 1991, 4 vídeos (49 min 59s). **Canal Eloisa Baldin**. Disponível em https://youtu.be/5hzDTZH_764. Acesso em 09 jul 2022.

BORGES, Alessandro. Dilermando Reis e a era dos violonistas do rádio | 12 dez 2021. Entrevistador: Luís Nassif. 1 vídeo (72 min 55 s). **Canal TV GGN**. Disponível em https://youtu.be/bR1qLst_yto. Acesso em 17 mai 2022.

EDELTON Gloeden em conversa com Luciano Moraes. São Paulo [s.n.], 2020. 1 vídeo (141 min 06 s). **Canal Conversa de Violonista**. Disponível em <https://youtu.be/9ofK-fzxKN8>. Acesso em 14 mai 2022.

FORMATURA 2015 - CIEJA Sé Cambuci. [São Paulo: s.n.], 2015, 11 vídeos (86 min 62s). **Canal Cieja Paulo Emilio Vanzolini**. Disponível em https://youtube.com/playlist?list=PLn7ZG5_M5CszczRQm3z7mSpzISaReNLgy. Acesso em 16 mai 2022.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Lançamentos da BN** | O violão na corte imperial, de Marcia Taborda. Brasil, 2021. Disponível em <https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2021/03/lancamentos-bn-violao-corte-imperial-marcia-taborda#>. Acesso em 10 jul 2022.

GIL, Gilberto. **Yamandu**. [S.l., s.n.], 2018. 1 vídeo (3 min 01 s). Canal do intérprete. Disponível em <https://music.youtube.com/watch?v=85StT93qxZU&feature=share>. Acesso em: 14 mai 2022.

GISELA Nogueira em conversa de violonista. São Paulo [s.n.], 2020. 1 vídeo (147 min 40 s). **Canal Conversa de Violonista**. Disponível em <https://youtu.be/kz76nANCvLw>. Acesso em 14 mai 2022.

LOPES, Nei; MOREIRA, Wilson. **Coisa da Antiga**. In: A arte negra de Wilson Moreira e Nei Lopes. [S.l.]: EMI Odeon, 1980. 1 LP/CD. Faixa 1 (ca. 42 min 35s).

LPV 2021.2 - **Aula 06 (16/10/2021) ao vivo.**[S.l.: s.n.], 2021. 1 vídeo (100 min 46 s). Canal Renan Colombo Simões. Disponível em https://youtu.be/4yN_eizS7uk. Acesso em 12 mai 2022.

MORENO, Joyce; SANTIAGO, Emílio. **Cartas do Exterior - Revendo Amigos.** In: Joyce, Revendo Amigos. [S.l.]: EMI Brasil, 1994. 1 CD. Faixa 2 (ca. 49 min 50 s).

REGINA, Elis; JOBIM, Tom. **Corcovado.** In: Elis & Tom. [S.l.]: Philips, 1974. 1 LP. Faixa 6 (ca 40 min 19 s).

STELZER, Luís; LUCCAS, Ricardo Nicolau. **Paco - duo Ricardo Luccas e Luis Stelzer.** [S.l., s.n.], 2017. 1 vídeo (5 min 24 s). Canal Luís Stelzer. Disponível em <https://youtu.be/kNxcBGPFtdU>. Acesso em 17 mai 2022.

THE GUITAR in the city of Rio de Janeiro. **Viola e violão em terras de São Sebastião.** Direção: Raul Taborda. [S.l., s.n.], 2020. 1 vídeo (47 min 35 s). Canal Marcia Taborda. Disponível em <https://youtu.be/2JyqdB1FdGs> . Acesso em 12 mai 2022.

TRIO GÓTICO. **Água e Vinho.** In: Trío Gótico y Amigos - Música de America y España (Guitarra Argentina). [S.l., s.n.]: NOT ON LABEL Argentina, 1996. 1 CD. Faixa 18 (ca. 65 min 04 s). Disponível em <https://youtu.be/IvM6tyjWTq0>. Acesso em 13 mai 2022.

VERGUEIRO, Carlinhos. **Conversa com Bial | Carlinhos Vergueiro. 27 nov 2018.** Entrevistador: Pedro Bial. 1 vídeo (3 min 20 s). Globoplay. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/7192466/>. Acesso em 15 mai 2022.

D) Sites

ACERVO Digital Chiquinha Gonzaga. **Biografia.** Rio de Janeiro. Disponível em https://chiquinhagonzaga.com/acervo/?page_id=1781. Acesso em 12 mai 2022.

ACERVO Digital do Violão Brasileiro. **Dilermando Reis.** São Paulo. Disponível em <https://www.violaobrasileiro.com/dicionario/dilermando-reis>. Acesso em 17 mai 2022.

ACERVO Digital do Violão Brasileiro. **Morre Antonio Manzione**, maestro que ensinou as primeiras notas musicais a grandes nomes do violão brasileiro. São Paulo. Disponível em <https://www.violaobrasileiro.com.br/blog/morre-antonio-manzione-maestro-que-ensinou-as-primeiras-notas-musicais-a-grandes-nomes-do-violao-brasileiro/412>. Acesso em 13 mai 2022.

ACERVO Digital do Violão Brasileiro. **Revista Violão Intercâmbio** (nº 16, ano IV, Mar-Abr de 1996). São Paulo. Disponível em <https://www.violaobrasileiro.com.br/biblioteca/revista-violao-intercambio-n-16-ano-iv-mar-abr-1996>. Acesso em 10 jul 2022.

ANDRADE, Oswald de. **Manifesto da Poesia Pau-Brasil.** Disponível em <http://tropicalia.com.br/leituras-complementares/manifesto-da-poesia-pau-brasil>. Acesso em 13 mai 2022.

BUCCI, Eugênio, VENCESLAU, Paulo de Tarso, ORTIZ, Renato. **A teoria na prática e outras**. In: Teoria e Debate. São Paulo. 14 fev 1991. Disponível em <https://teoriaedebate.org.br/1991/02/14/a-teoria-na-pratica-e-outras/>. Acesso em 14 mai 2022.

CENTRO CULTURAL SÃO PAULO. **Cronologia das artes em São Paulo 1975-1995**: Quadro Brasil, v. 1/ Divisão de Pesquisas. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 1996, 160 p. Disponível em <http://www.centrocultural.sp.gov.br/livros/pdfs/cronologia%20das%20artes%20quadro%20brasil.pdf>. Acesso em 14 mai 2022.

CIDADE DE EMBU DAS ARTES. **Orquestra de Violões em 8/9**. Embu das Artes: 06.09.2013. Disponível em <http://cidadeembudasartes.sp.gov.br/orquestra-de-violoes-em-8-9/>. Acesso em 08 jul 2022.

DIGIORGIOVIOLOES. **Violões Di Giorgio - Ateliê de violões - Desde 1908** [S.l.]. 15 jul 2021. Instagram Di Giorgio. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CRWfai7sSC8>. Acesso em 17 mai 2022.

DILERMANDO REIS e a era dos violonistas do rádio. In: **Jornal GGN**. [São Paulo], 14 dez 2021(atualização). Disponível em <https://jornalgggn.com.br/tv-ggn/domingueira-ggn-dilermando-reis-e-a-era-dos-violonistas-do-radio/>. Acesso em 08 jul 2022.

FESTIVAL SESC Internacional de Violão. In; **Revista E**, ano 4, nº 1, [São Paulo] jul 1997, p. 7. Disponível em https://issuu.com/sescsp/docs/1997_julho_revista_ano_4_nº_1. Acesso em 08 jul 2022.

FÓRUM do Violão. **Seminários Internacionais de Violão do Liceu Musical Palestrina**. 30 jun 2009. Disponível em <https://violao.org/topic/6855-seminarios-internacionais-de-violao-do-liceu-musical-palestrina/?hl=palestrina>. Acesso em 12 mai 2022.

FÓRUM do Violão. **Sobre propagandas de tv dos violões di giorgio, giannini e del vecchio**. 11 fev 2022. Disponível em <https://violao.org/topic/24952-sobre-propagandas-de-tv-dos-violoes-di-giorgio-giannini-e-del-vecchio/>. Acesso em 12 mai 2022.

HECK, Thomas F.; JEWANSKI, Jörg. Alice Artzt. **Grove Music Online**. 4 Oct. 2012. Disponível em <https://www.oxfordmusiconline.com/grovemusic/view/10.1093/gmo/9781561592630.001.0001/omo-9781561592630-e-1002227333>. Acesso em 6 mai 2022.

JOSÉ CALIXTO - violonista de Araçatuba. In: **Blog do Consa** - Hélio Consolaro, Cultura e Variedades. [São Paulo], 09 nov 2011. Disponível em <http://www.blogdoconsa.com.br/2011/09/jose-calixto-violonista-de-aracatuba.html>. Acesso em 13 mai 2022.

MAPPIN. **Reviva o Mappin**. Relembre nossa história. São Paulo, [20—?]. Disponível em <https://www.mappin.com.br/o-mappin/>. Acesso em 17 mai 2022.

MARCKEZINI, Fabio. **Canais saíam do ar na calada da noite e deixavam muita gente morrendo de medo.** [S.l.], 2019. In: TV História. Disponível em <https://tvhistoria.com.br/canais-saiam-do-ar-na-calada-da-noite/?cpid=txt.?cpid=txthttps://tvhistoria.com.br/canais-saiam-do-ar-na-calada-da-noite/?cpid=txt>. Acesso em 17 mai 2022.

MATRIZ Paroquial de Santa Rita de Cássia. In: ARQUIDIOCESE de São Paulo – Região Episcopal Belém. Disponível em <https://arquisp.org.br/regiaobelem/paroquias/paroquia-santa-rita-de-cassia/matriz-paroquial-santa-rita-de-cassia>. Acesso em 13 mai 2022.

MEMÓRIA DA ELETRICIDADE. **Eletricidade de São Paulo S.A.** - Eletropaulo, São Paulo, s.d. Disponível em <https://www.memoriadaeletricidade.com.br/acervo/1924/eletricidade-de-sao-paulo-sa-eletropaulo#:~:text=A%20Eletropaulo%20Metropolitana%20foi%20privatizada,%2C%20Houston%20Industries%20Energy%2C%20Inc>. Acesso em 13 mai 2022.

MUSEU DA PESSOA. **Maria Aparecida Amaral da Silva.** São Paulo, 2019. Disponível em <https://acervo.museudapessoa.org/pt/conteudo/historia/maria-aparecida-amaral-da-silva-149531>. Acesso em 17 mai 2022.

NADER, Luís Pini. **Torresmo à Milanesa.** In: POR TRÁS da letra. [São Paulo], 2007. Disponível em <http://portrasdaletra.blogspot.com/2007/06/torresmo-milanesa.html#:~:text=Torresmo%20%C3%A0%20Milanesa%20foi%20feito,%22Mutamba%22%2C%20na%20R>. Acesso em: 15 mai 2022.

RODA VIDA FAPESP. **Marilena Chauí.** 03 mai. 1999. Disponível em https://rodaviva.fapesp.br/materia_busca/61/marilena%20chau%ED/entrevistados/marilena_chau_i_1999.htm. Acesso em 12 mai 2022.

SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Poiesis Gestão Cultural. **Educador - Fábrica de Cultura - Capão Redondo.** Disponível em <https://www.poiesis.org.br/new/trabalhe-conosco/ver.php?id=121>. Acesso em 14 mai 2022.

SENADO FEDERAL. **30 anos da Constituição Cidadã.** Disponível em <https://www12.senado.leg.br/noticias/infograficos/2017/10/30-anos-da-constituicao-cidada>. Acesso em 13 mai 2022.

VERÍSSIMO, Rafael. **Garoto - Vivo Sonhando.** In: In-Edit TV. Disponível em <https://br.in-edit.tv/film/44>. Acesso em 09 jul 2022.

Obs: Todos os acessos foram revisados em 10 jul 2022, às 22h50.

8 – ANEXO – Documentos de arquivo pessoal

ESPECTÁCULO

JORNADA SESC DE TEATRO 97. Porém, que a cada ano revela novos talentos e permite que profissionais já consagrados mostrem, no grande público, montagens inéditas. De 8 a 20, no Teatro Sesc Anchieta. Vêja e programação a seguir.

SESC Consolação

Exercício para Antígona. Sem perder o sentido épico do texto de Sófocles, escrito em 442 a.C., essa montagem busca explorar as conflitos da obra inserida numa estética contemporânea. Nome a teatro de filme de Edio que, por sua luta pelo direito de opor uma verdade sem poder a um poder sem verdade, é condecorada por Cécilia e ser eternada viva. Vítema humana oferecida aos deuses. Antígona sobrevive sua própria morte, buscando no suicídio um sacrifício fora das normas. Direção de Sérgio Ferraz. Dias 8 a 9, às 21h. R\$ 5,00 (comercário matric.) e R\$ 10,00.

Labirinto. Tem como tema central a loucura explícita, não a loucura latente de todo ser humano. A figuracão é Arthur Bibo do Rosário, marimbista, músico, tecladista e paracaidista. Um artista da pós-modernidade. Acreditado-se um mensageiro de Deus ou o próprio Cristo encarnado. Bibo inicia a grande obra que toma a todos os sentidos de sua vida. Direção de Márcia Bion. Dias 10 a 11, às 21h. R\$ 3,00 (comercário matric.) e R\$ 10,00.

Desmentido. As aventuras assustadas de dois adolescentes misto de dois por habitarem o mesmo apartamento situados em lados opostos. Jornada de múltiplos com estilo cinematográfico e humor safores com a tragédia, invocando ananias que vão da guerra ao amor. Direção de Christiane Neto. Dias 12, às 21h, e das 13 às 20h. R\$ 5,00 (comercário matric.) e R\$ 10,00.

O vento não levou. Partindo do encontro físico entre Eva Brown, amante de Hitler, e Clara Resnik, amante de Mussolini, esta montagem desvenda a intimidade dessas duas figuras que estiveram ao lado dos expositores máximos do nazismo e do fascismo. Elas se divertem desobediendo, especialmente do poder de destruição que têm em mãos. Direção de Roberto Vignati. Dias 15 e 16, às 21h. R\$ 5,00 (comercário matric.) e R\$ 10,00.

Eu De Tudo Pra Ela... E Ela Me Deixa. É uma peça não antes, mas é divertido ao mesmo tempo de despertar o amor à vida. Direção de Roney Azevedo. Dias 17 e 18, às 21h. R\$ 5,00 (comercário matric.) e R\$ 10,00.

Cláudio Pinheiro. Comedião com grande influência do moderno cinema americano, montado ao jeito brasileiro. Direção de Leonardo Alencar. Dias 19, às 21h, e às 20, às 20h. R\$ 5,00 (comercário matric.) e R\$ 10,00.

MÃOS SÁBIAS MÃOS. Exercício teatral inspirado no poema Este Mito, de Cezar Gonzaga. Resultado da oficina de teatro para a Terceira idade nos meses de abril, maio e junho, orientada por Mônica Macquiza. Dia 4, às 20h. Espaço de convivência. 200 lugares. Grátis.

Exposição MULHERES BRASILEIRAS EM CENA. Exposição de fotos mostrando ritmos de diferentes escolas e gerações, captadas em uma única tela de Marcelo Graco. Conceção de Paulo Faria e Marcelo Graco. Início no dia 7. De segunda à sexta, das 12h às 21h30, e aos sábados, das 9h às 17h30.

SESC Consolação

ANDRÉ CRISTOVAM. Um dos principais bluesman brasileiros lança seu mais recente trabalho. Dias 17 e 18, às 21h. **SESC Penápolis**

CANTADORA. Mostra musical que reúne cantadores de tradicional música regional brasileira. Os repertórios e seus intérpretes indicam a autenticidade e história do gênero, através do voto, do caxembô, da cana-verde, do corta-jaca, entre outros. Vêja e programação a seguir.

SESC Consolação

João Ba. Nascido no sertão da Bahia, o poeta, ator, compositor e cantor João Ba tem suas músicas gravadas por grandes nomes como Hermo Frasco, Amílcar, Sater, Marçal Miranda, entre outros. Sua obra apresenta características singulares, caracterizadas em um estilo bem acabado, amoldado aos padrões. Dias 10 e 11, às 19h30. Grátis.

Grécia. O músico produz canções inspiradas em sua terra, Monte Serrat (BA), e sua gente, a quem se dedica ao seu último trabalho, o disco Canudos. Dias 17 e 18, às 19h30. Grátis.

Ná Carolina. Num delicado passeio pelos ritmos norte, catandê, cana-verde e cortá-jaca, o grupo apresenta um repertório de clássicos da verdadeira música capista. Dias 24 e 25, às 19h30. Grátis.

COMPANHIA SONORA. O Centro Experimental de Música do SESC criou a série Companhia Sonora para mostrar ao público o trabalho e a produção atual em nossa música popular. Vêja e programação a seguir.

SESC Consolação

Juliana Caymmi. Com o maestro e arranjador Chico Moreno, a cantora de 21 anos vem pesquisando a música regional brasileira para o repertório do seu primeiro show profissional. Dias 7, 8 e 9, às 19h. Grátis.

Luiz Cavetto. Nascido em Itanópolis, Ceará, o Cantador apresenta o novo trabalho produzido com um grupo de músicos locais. Dias 14, 15 e 16, às 19h. Grátis.

Natália Mallo. Vinda da Argentina e formada em cantora, compositora e instrumentista tem em sua bagagem musical uma forte influência da MPB, produzindo um estilo peculiar. Dias 21, 22 e 23, às 19h. Grátis.

Paula Santelmas. Após

EM CARTAZ

Nigel North (Inglaterra). Concerto dia 4, às 21h. R\$ 15,00 (comercário matric.) e R\$ 20,00. Teatro Sesc Anchieta.

Ralph Townes (EUA). Concerto dia 11, às 21h. R\$ 10,00 (comercário matric.) e R\$ 20,00. Teatro Sesc Anchieta.

Scott Tennant (EUA). Concerto dia 17, às 21h. R\$ 10,00 (comercário matric.) e R\$ 20,00. Teatro Sesc Anchieta.

Abel Carlevaro. Masterclasses dia 11 e 2, das 14h às 16h. Teatro Sesc Anchieta.

Nigel North. Masterclasses de 1º a 3, das 19h às 21h. Teatro Sesc Anchieta.

Ralph Townes. Masterclasses dia 11 e 2, das 9h às 11h. Teatro Sesc Anchieta.

Scott Tennant. Masterclasses dia 3 e 4, das 14h às 16h. Teatro Sesc Anchieta.

Clemens Andreutti. Aulas individuais de 1 a 3, das 9h às 12h e de 7 a 11, das 14h às 17h. Vagas esgotadas.

Evertton Glendon. Aulas individuais de 1 a 5, das 9h às 12h e de 7 a 11, das 14h às 17h. Vagas esgotadas.

Henrique Pinto. Aulas individuais de 1 a 5, das 9h às 12h e de 7 a 11, das 14h às 17h. Vagas esgotadas.

Regina Vieira. Dia 1 e 5, das 9h às 12h e de 7 a 11, das 14h às 17h. Vagas esgotadas.

Roden Powell. Workshop. Uma conversa amigável sobre a MPB. Dia 6, das 14h. Teatro Sesc Anchieta.

Egberto Gismonti. Workshop. Música & caboclo. Dia 5, às 14h. Teatro Sesc Anchieta.

Frederico Grassano. Palestra com o tema O violão: Criação do instrumento no Compêndio Musical Contemporâneo. Dia 4, às 17h.

Paula Ballinati. Palestra sobre o violão acústico e as novas tecnologias. Dia 3, às 17h.

Paulo Castagna. Palestra com o tema O violão no Brasil: do acompanhamento de modinhas à conquista dos palcos. Dia 2, às 17h.

Quaternaglia. Palestra com o tema Música de Câmara: ampliando o repertório do violão de trabalho. Dia 5, às 17h.

Ron Purcell. Palestra que discute a atuação do violão no atual mercado de trabalho. Dia 11, às 17h.

JORGE MAUTNER. O cantor e compositor tropicalista lança seu novo CD Estrôfalax, de Pádua e relança o livro Desejo da Chave e do Monte. Primeiro Jabuti de 1982. Dia 16, às 21h.

SESC Penápolis

LUCA BULGARINI. Resgatando algumas das principais bases da MPB, o violonista escolhe clássicos eruditos e populares, revivendo em suas interpretações os melhores momentos de bossa nova e dos festivais. Canções atuais de Tom Jobim, Caetano Veloso, Nelson Leyre e Elis Regina. Também serão apresentadas algumas canções do repertório. Dia 11, às 20h30. R\$ 15,00.

Espectáculo

O Festival Sesc de Teatro 97 visa revelar novos talentos, além de abrir espaço para profissionais gabaritados mostrarem a produção em montagens inéditas. Confira no Roteiro

MÚSICA

ANDRÉ CRISTOVAM. Um dos principais bluesman brasileiros lança seu mais recente trabalho. Dias 17 e 18, às 21h. **SESC Penápolis**

CANTADORA. Mostra musical que reúne cantadores de tradicional música regional brasileira. Os repertórios e seus intérpretes indicam a autenticidade e história do gênero, através do voto, do caxembô, da cana-verde, do corta-jaca, entre outros. Vêja e programação a seguir.

40

41

Fig. 1. Festival SESC Internacional de Violão. Pág. 7. Disponível em https://issuu.com/sescsp/docs/1997_julho_revista_ano_4_nº_1



Fig. 2. Da esquerda para a direita: Sr. Walter, Antonio Stelzer, Luís Stelzer, Walter Júnior e dona Aparecida (in memoriam). Acervo da família.

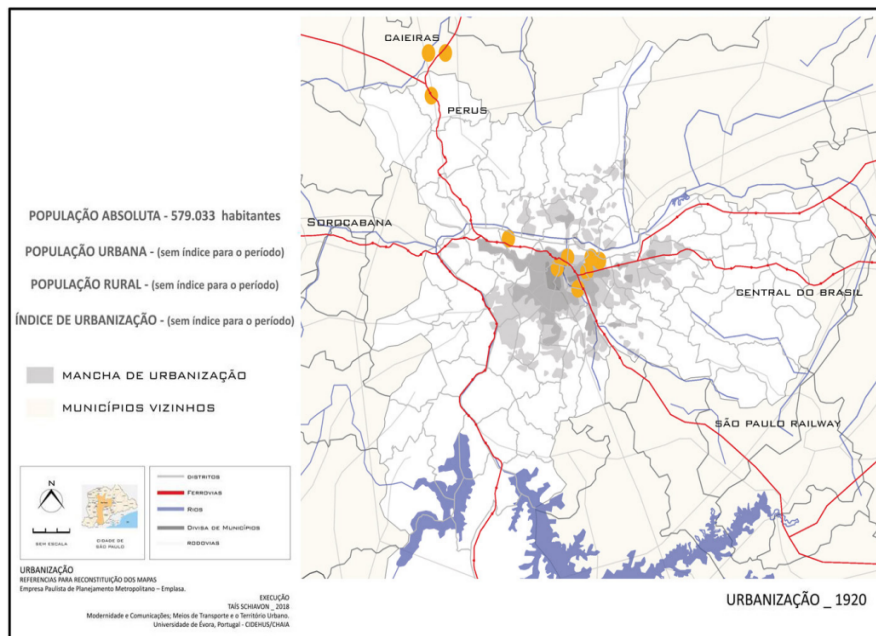


Fig. 3. Ferrovias: Cf. São Paulo-Railway, Sorocabana e Central do Brasil. (SCHIAVON, 2021, p. 13).



Fig. 4. Da esquerda para a direita: dona Aparecida, Antonio Stelzer, Sr. Walter Cibele de Sousa Meira e Luís Stelzer. Acervo da família.

casadosdados.com.br/solucao/cnpj/musica-e-letra-ss-ltda-08159935000127

| | | | | | | |
|---|---|---------------------------|------------------------------------|------------------------------------|---|---------------------------------------|
| CNPJ 08.159.935/0001-27 | Razão Social MUSICA E LETRA S/S LTDA | Tipo MATRIZ | Data Abertura 23/06/2006 | Situação Cadastral ATIVA | Data da Situação Cadastral 23/06/2006 | Capital Social R\$ 2.000 |
| Natureza Jurídica 2240 - SOCIEDADE SIMPLES LIMITADA | | Empresa MEI Não | | | | |
| Logradouro AV AMADEU POLI | Número 837 | Complemento | CEP 02188-020 | Bairro PARQUE NOVO MUNDO | Município SAO PAULO | UF SP |
| Telefone 11 6991-4155 | E-MAIL cibelesm@uol.com.br | | | | | |
| Quadro Societário | | | | | | |
| CIBELE DE SOUSA MEIRA - Sócio-Administrador | | | | | | |
| LUIZ CLAUDIO STELZER - Sócio-Administrador | | | | | | |
| Atividade Principal 8592903 - Ensino de música | Atividades Secundárias 5912002 - Serviços de mixagem sonora em produção audiovisual 7490101 - Serviços de tradução, interpretação e similares 8211300 - Serviços combinados de escritório e apoio administrativo 8592999 - Ensino de arte e cultura não especificado anteriormente 9001902 - Produção musical 9001999 - Artes cênicas, espetáculos e atividades complementares não especificadas anteriormente 9101500 - Atividades de bibliotecas e arquivos | | | | | Data da Consulta 08/07/2022 |

Fig. 5. Música e Letra. Empresa do casal Luis Stelzer e Cibele Meira.



Fig. 6. Acervo Luís Stelzer



Fig. 7. Idem.



Fig. 8. Idem.

Fig. 9. Idem.



Fig. 10. Stelzer, na Eletropaulo. Acervo Edson Kameda.



Fig. 11. Logomarca criado para o Iniciação Projeto-Escola.
Acervo Edson Kameda.



Fig. 12. IPE, 1988. Da esquerda para a direita: Edson Kameda, Marcelo Muniz (com o violão), nome a confirmar, Geni M. Kuniyoshi, Rosely Muniz, Luis Stelzer, Pedro Paulo N. Rodrigues, Rubens Nomada, nome a confirmar, Ubiratã (Bira), Jobi Spasiani (ao lado do piano).
Acervo Edson Kameda.



Figura 13 e 13a. Sentado: Fábio Bartoloni em seu primeiro recital; em pé, Jácomo Bartoloni (a grafia do nome para Giacomo foi alterada em 1991). Acervo Edson Kameda.

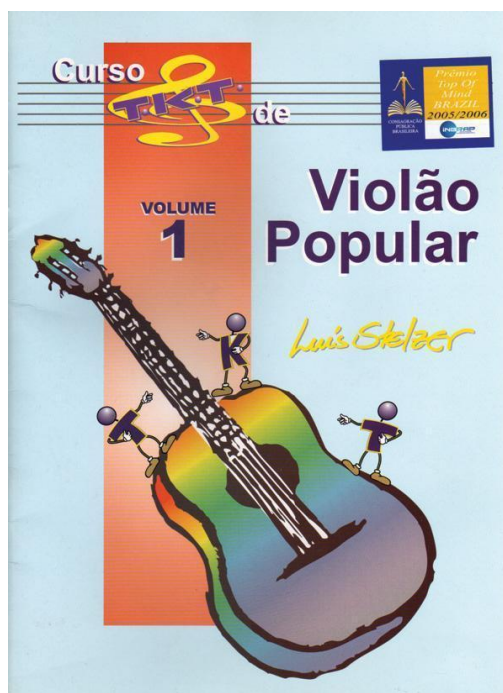


Fig. 14. Um dos métodos de violão escrito por Luís Stelzer.



Fig. 15. Foto: Milena Fernandes Brito Caires, 06.08.2015 (facebook de Stelzer).

Violão Intercâmbio

Nº 16 Ano IV Mar/Abr 1996
São Paulo (SP)

Leia:

PAULO BELLINATI

Entrevistado por Gérís Lopes durante o Seminário Internacional de Porto Alegre, fala sobre o violão brasileiro.....pág. 4

PARTITURA

Água e Vinho, de Egberto Gismonti, em arranjo para dois violões de Luis Claudio Stelzer.....pág. 6

XIV OFICINA DE MÚSICA DE CURITIBA

Veja a cobertura deste evento realizado no período de 14 de janeiro a 11 de fevereiro e que contou com a participação de nomes como Giacomo Bartoloni, Jaime Zenamon, Paulo Bellinati e Maurício Carrilho.....pág. 9

SEÇÕES

Editorialpág. 2
Agendapág. 3
Notícias de nossos correspondentes.....pág. 3
Anúncios.....pág. 11



“Não creio que as pessoas queiram perder poesia”. É o que pensa Oscar Ghiglia, entrevistado por Fábio Zanon, na Itália. Leia mais opiniões deste consagrado violonista na página 7.

suu lãtãra da Violãa Intercãmbio

ÁGUA E VINHO

EGBERTO GISMONTI

transcrição:
Luis Stelzer - 1988

violão 1

violão 2
♯ em D

Luis Claudio Stelzer, 32 anos, natural de São Paulo. Foi aluno de Henrique Pinto e Giacomo Bartoloni. Atualmente leciona na Fac. de Música Sta. Cecília de Pindamonhangaba e no Conservatório Souza Lima, se dedicando a arranjos de violão para música de câmara.

Página 6

Figs. 16 e 16a. Disponíveis em https://www.violaobrasileiro.com.br/dados/100_biblioteca_advb_arquivo_100.pdf. Acesso em 08 jul 2022.



Fig. 17. Luisa Hinojosa Streber, Leo Brouwer e Luís Stelzer.
(03 nov 2011 - *facebook* de Luisa)



Fig.18. Amostra da iconografia da Orquestra Violão Mais.

1. Conservatório Souza Lima; 2. Divulgação Centro Cultural Eldorado;
3. Fau Maranhão; 4. Feira Omuaguás;
5. Conservatório Souza Lima; 6. Centro Cultural do Jabaquara;
7. Espaço Cultural Latino Americano; 8. Niá Núcleo de Intervenções Artísticas;
9. Miro Vieira e Ricardo Luccas; 10. Casa da Cultura Santo Amaro.

Fonte da pesquisa: *facebook* de Luís Stelzer, Orquestra Violão Mais, Feira Omuaguás.



Fig. 19. Logo da Orquestra Violão Mais. Autor: Daniel Almeida.